

UFRB

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
LICENCIATURA EM LETRAS/LÍNGUA
PORTUGUESA/LIBRAS/LÍNGUA INGLESA**

MARCIA DOS SANTOS SANTANA

**VOZES POÉTICAS E NARRADORAS EM “NÃO VOU MAIS LAVAR
OS PRATOS”, DE CRISTIANE SOBRAL, E EM “QUARTO DE
DESPEJO”, DE CAROLINA MARIA DE JESUS**

**AMARGOSA-BA
2019**

MARCIA DOS SANTOS SANTANA

VOZES POÉTICAS E NARRADORAS EM “NÃO VOU MAIS LAVAR OS PRATOS”, DE CRISTIANE SOBRAL, E EM “QUARTO DE DESPEJO”, DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Monografia apresentada ao Curso de graduação Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa,/ Libras/Língua Inglesa, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciada em Letras/Língua Portuguesa,/Libras/Língua Inglesa.

Orientadora: Prof^a. Dra. Ana Rita Santiago

**Amargosa-BA
2019**

FICHA CATALOGRÁFICA

Santana, Marcia dos Santos.

Vozes poéticas e narradoras em “Não vou mais lavar os pratos”, de Cristiane Sobral, e em “Quarto de despejo”, de Carolina Maria de Jesus./ Marcia dos Santos Santana, 2019.

Orientadora: Ana Rita Santiago

Monografia (Graduação) – Universidade federal do
Recôncavo da Bahia, Centro de Formação de Professores.

Elaborado pela biblioteca do CFP/UFRB

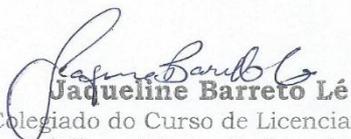


UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA – UFRB
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS: LÍNGUA
PORTUGUESA/LIBRAS/LÍNGUA INGLESA

DECLARAÇÃO

Declaramos, para os devidos fins, que a discente **Márcia dos Santos Santana** apresentou, no dia 27 de fevereiro de 2019, às 14h00min, na Sala 03 do Pavilhão de Aulas do Centro de Formação de Professores, o Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação intitulado “*Vozes poéticas e narradoras em 'Não Vou mais lavar os pratos', Cristiane Sobral, e Quarto de despejo - diário de uma favelada, de Carolina Maria de Jesus.*”, que foi aprovado pela Comissão Examinadora.

Amargosa, 27 de fevereiro de 2019


Jaqueline Barreto Lé

Coordenadora do Colegiado do Curso de Licenciatura em Letras: Língua
Portuguesa/Libras/Língua Inglesa do CFP/UFRB
e-mail: cfp.cgradli@ufrb.edu.br

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
LICENCIATURA EM LETRAS/LIBRAS/LÍNGUA ESTRANGEIRA**

Termo de Aprovação

MARCIA DOS SANTOS SANTANA

VOZES POÉTICAS E NARRADORAS EM “NÃO VOU MAIS LAVAR OS PRATOS”, DE CRISTIANE SOBRAL, E EM “QUARTO DE DESPEJO”, DE CAROLINA MARIA DE JESUS.

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciada em Letras/Libras, Centro de Formação de professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Aprovada em ____ de _____ de 2019

Banca Examinadora

Ana Rita Santiago

Ana Rita Santiago (Orientadora)

Profª. Adjunta do Centro de Formação de Professores – Amargosa-BA
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Suely Santos Santana

Suely Santos Santana

Doutora em Estudos Étnicos e Africanos - CEAO/UFBA.
Professora Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Pesquisadora AFROUNEB
Integrante do Coletivo de Mulheres Negras Luiza Bairros SAJ - "Dentro do peito
Tenho um tambor"

Ângela Vilma Santos Bispo

Ângela Vilma S. Bispo

Prof. Adjunta Teoria Literária - CFP – UFRB - Amargosa-BA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, **MARCIA DOS SANTOS SANTANA**, brasileira, casada, portadora do RG nº0926754173, inscrito no CPF sob o nº 02618888545, residente na Rua Erondino Borges Miranda, nº 06, Centro, Varzedo-BA, AUTORIZO o uso de minha imagem, constante no vídeo de resumo do TCC em Libras intitulado **“VOZES POÉTICAS E NARRADORAS EM “NÃO VOU MAIS LAVAR OS PRATOS”, DE CRISTIANE SOBRAL, E EM “QUARTO DE DESPEJO”, DE CAROLINA MARIA DE JESUS”** enviado com o fim específico de publicação no repositório da UFRB (Centro de Formação de Professores).

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à imagem ora autorizada ou a qualquer outro.

Local e data: Amaralosa, 26 de março de 2019
Assinatura: Marcia dos Santos Santana
Telefone para contato: (75) 88665431
E-mail: marcia.santos@hotmail.com

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL
NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFRB

1 Identificação do tipo de documento

Tese [] Dissertação Monografia [] Trabalho de Conclusão de Curso []

2 Identificação do autor e do documento

Nome completo: Márcia dos Santos Santana

CPF: 026.188.885.45

Telefone: (75) 88665431

E-mail: marciasantana@hotmail.com

Programa/Curso de Pós-Graduação/Graduação/Especialização: _____

Graduação

2.1. Título do documento: Verbetes políticos e Narradoras em

"Não vou mais lavar os pratos" em "Quarta de despejo" de Carolina Maria de Jesus

Data da defesa: 27 de fevereiro de 2019

3 Autorização para publicação na Biblioteca Digital da UFRB

Autorizo com base no disposto na Lei Federal nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973, de 2 de dezembro de 2004, a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) disponibilizar gratuitamente sem ressarcimento dos direitos autorais, o documento supracitado, de minha autoria, na Biblioteca Digital da UFRB para fins de leitura e/ou impressão pela Internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Texto completo Texto parcial []

Em caso de autorização parcial, especifique a (s) parte(s) do texto que deverá ser disponibilizada:

3. Local Data Assinatura do (a) autor (a) ou seu representante legal

Márcia dos Santos Santana Amaral 21/02/2019

4 Restrições de acesso ao documento

Documento confidencial? Não

Sim Justifique: _____

4.1 Informe a data a partir da qual poderá ser disponibilizado na Biblioteca Digital da UFRB:

26/03/01 de 2019 Sem previsão

Assinatura do Orientador: _____ (Opcional)

O documento está sujeito ao registro de patente? Não Sim

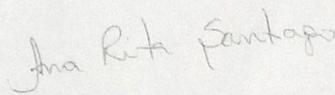
O documento pode vir a ser publicado como livro? Sim Não

Preencher em três vias. A primeira via deste formulário deve ser encaminhada ao Sistema de Bibliotecas da UFRB/Biblioteca Central; a segunda deve ser enviada para a Biblioteca de sua Unidade, juntamente com o arquivo contendo o documento; a terceira via deve permanecer no Programa de Pós-Graduação para o registro do certificado de conclusão do Curso. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia Sistema de Biblioteca da UFRB Grupo Técnico da Biblioteca Digital da UFRB.

DECLARAÇÃO DE ANUÊNCIA

Declaro, a quem interessar possa, que a discente Márcia dos Santos Santana, do Curso Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa-Libras-Língua Inglesa, do Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), realizou os principais ajustes e correções, indicados pela banca examinadora do seu Trabalho de Conclusão de Curso: “Vozes poéticas e narradoras em “Não vou mais lavar os pratos”, de Cristiane Sobral, e em “Quarto de despejo”, de Carolina Maria de Jesus”, por mim orientado.

Amargosa, 18 de março de 2019.



Ana Rita Santiago

Professora Adjunta (CFP-UFRB)

*Às mulheres negras que não se silenciam
e fazem do mundo um campo de lutas e conquistas sociais.*

AGRADECIMENTOS

A Deus,
Que guiou meus passos e iluminou meus caminhos nos momentos difíceis;

À Lucilene Moura, Adrielle, Pastor Roberto, Ricardo Neto,
Amigos, mais que queridos, que me ajudaram e me animaram na caminhada acadêmica;

À Marizete, minha Mãe,
Minha maior motivadora aos estudos, quem nunca desistiu de mim, e mesmo ausente (*In
Memorian*), serviu-me de inspiração de mulher negra, resistente e vencedora;

À Anna Beatriz e a Saulo,
Meus filhos, que me motivaram a seguir meus sonhos mesmo quando quis desistir de estudar,
E que ainda hoje me enchem de força e revigoram os meus sonhos;

A Fernando,
Meu esposo, pela compreensão e ajuda.

RESUMO

Este trabalho monográfico consiste em uma pesquisa fundamentada em estudos bibliográficos, tendo por objetivo analisar vozes poéticas e narradoras femininas negras nas obras de Cristiane Sobral – Não vou mais lavar os pratos (2010) – e Carolina Maria de Jesus – Quarto de despejo: diário de uma favelada (1960) –. Buscou-se identificar práticas discursivas nessas obras que revertem a imagem estereotipada da mulher negra na literatura e como a figura da mulher e o seu ideal de luta contra a subalternidade estão presentes em vozes poéticas e narradoras. Este trabalho está dividido em quatro seções, sendo a primeira uma apresentação geral do objeto de estudo e as motivações para sua realização. Na segunda seção há dados biográficos das autoras através da análise de suas obras. Na terceira seção apresentamos uma discussão através das vozes poéticas e narradoras das duas autoras e, na quarta sessão, estão as considerações conclusivas do estudo.

Palavras-chave: Vozes poéticas. Literatura Feminina. Carolina Maria de Jesus. Cristiane Sobral.

SUMÁRIO

I. INTRODUÇÃO	14
II. CAROLINA MARIA DE JESUS E CRISTIANE SOBRAL: VOZES DISSONANTES E EMANCIPATÓRIAS.....	16
2.1 Escrita de si: modos de (re) existências	16
2.2 Carolina Maria de Jesus: Uma mãe narradora da pobreza	25
2.3 Carolina Maria de Jesus: Uma narradora de si	31
2.4 Cristiane Sobral: uma autora de (re) existências	36
2.5 Cristiane Sobral: Ressignificação de identidades negro-femininas	40
III. <i>QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA E NÃO VOU MAIS LAVAR OS PRATOS: ENTRE NARRATIVAS DE SI E MODOS DE RESISTÊNCIA</i>	45
IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
REFERÊNCIAS	67

I SEÇÃO - INTRODUÇÃO

O estudo sobre as obras *Não vou mais lavar os pratos*, de Cristiane Sobral (2010), e *O Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus (1960)¹, propõe um olhar sobre vozes poéticas e narradoras femininas negras que nelas transitam. Para realizá-lo, necessário se fez indagar: Quais discursos de resistência ecoam dessas vozes? Com este trabalho monográfico, identificamos algumas práticas discursivas, em vozes poéticas e narradoras nos citados livros, que revertem e problematizam possíveis imagens estereotipadas da mulher negra na literatura; analisamos como a figura da mulher negra e o ideal de luta feminista estão presentes nas obras em destaque, neste estudo; averiguamos alguns modos discursivos de resistência que repercutem nas vozes poéticas e narradoras.

Pensar sobre as vozes poéticas negras e o discurso de resistência proporcionou o desejo de desenvolver uma pesquisa, tendo como objeto de estudo, nas obras supracitadas, as autoras negras que se auto representam e buscam a reversão do preconceito e de imagens estereotipadas sobre o ser feminino e o ser negro em uma sociedade que, por vezes, segrega pela cor da pele e pelo gênero.

Este estudo colabora com o entendimento de como algumas autoras negras vêm lutando por igualdade, utilizando-se da literatura para trazer à tona algumas manifestações de resistência expressos nos discursos poéticos e narrativos. De um modo bem peculiar, as obras em estudo abordam temas de reversão da submissão sociocultural da mulher. Tanto nos poemas de Sobral (2010) quanto nos relatos de Jesus (1960), a mulher resiste às diversas formas de dominação por meio da afirmação de identidade e da liberdade de escrever e ‘parir’ palavras literárias.

Através da análise de poemas dos livros em estudo, estabelecemos diálogos e leituras interpretativas, tendo como chave de leituras a construção literária das autoras, relacionada com os processos de luta e resistência da mulher negra brasileira para superar as alcunhas e feridas sociais, históricas e culturais. O trabalho tem como fundamentação teórica os Estudos Culturais, os de Gênero e Literários, buscando evidenciar alguns conceitos, tais como identidade, memória, escrita de si, resistência, destacando os estudos de Stuart Hall (2011); Michel Foucault (2006); Sueli Carneiro (2011); Ana Rita Santiago (2012); Mírian Alves (2010).

¹ Todas as citações dessas obras, neste texto, são, respectivamente, das edições de 2010 e 2012 e estão transcritas conforme se apresentam nessas edições.

Este trabalho está organizado em quatro seções. Na primeira, há uma apresentação geral do percurso do estudo. Na segunda seção, “Carolina Maria de Jesus e Cristiane Sobral: Vozes Dissonantes e Emancipatórias”, são apresentados alguns dados biográficos dessas autoras. A terceira seção, “Quarto de despejo: diário de uma favelada” e “Não vou mais lavar os pratos”: entre narrativas de si e resistências há uma apresentação dessas obras e análises de suas vozes poéticas e narradoras, na quarta seção, as “Considerações Conclusivas”, são apresentadas as relevâncias do estudo quanto à recorrência de jogos de resistência em textos literários, como práticas discursivas de enfrentamento e questionamentos das desigualdades de gênero e étnico-raciais. Além disso, discorre sobre a relevância das obras em estudo para a promoção de debates, visando um olhar emancipatório sobre a literatura e o (des)silenciamento da palavra literária de autoras negras.

II SEÇÃO

CAROLINA MARIA DE JESUS E CRISTIANE SOBRAL: VOZES DISSONANTES E EMANCIPATÓRIAS

2.1 Escrita de si: modos de (re)existências

Subalternizadas, vivendo em uma sociedade marcada pelo patriarcalismo e pelas desigualdades de gênero e raça, as mulheres negras eram e, por vezes, ainda são assim representadas na literatura brasileira, não obstante, algumas são muitas vezes silenciadas em suas vozes autorais. No entanto, conforme as lutas e resistências sociais se avançam, algumas autoras negras conquistam, paulatinamente, maior espaço e reconhecimento no âmbito da produção literária, o que lhes permite a auto-representação e autoafirmação enquanto sujeitos atuantes, críticos e com pertencimento étnico-racial, cultural e de gênero.

A autoafirmação da identidade negra no Brasil tem sido uma desafiante construção histórico-social, posto que se faz necessário desconstruir discursos de papéis sociais atribuídos às populações negras, marcados pela subjugação, inferioridade e subalternidade. Desafio maior, porém, é a autoafirmação como mulher negra ao considerarmos uma sociedade ainda racista e sexista, que é o caso do Brasil no tocante à identidade nacional e às hierarquias de gênero e raça.

A literatura, em que escritoras negras se auto-representam, aparece, por vezes, na contemporaneidade, como exercícios de desconstruções de velhas representações apoiadas em subjugações e servilismos. Os processos de desconstrução que visam abrir espaços para uma literatura por elas produzida são, muitas vezes, resultados de atos de resistências, enfrentamentos e denúncias. Para tanto, o uso da escrita de si torna-se um referencial para não só expressar as condições pessoais que cada uma enfrenta em seu tempo e espaço, mas também para denunciar o enfrentamento das mazelas sociais a que, por vezes, são submetidas ou atingem aquelas que representam, mulheres negras e para forjar dicções literárias em que se representem, além de suas trajetórias, seus sonhos, utopias, lutas, desejos etc. Segundo Araújo,

A escrita de si, conceito que caracteriza a narrativa em que um narrador em primeira pessoa se identifica explicitamente como o autor biográfico, mas vive situações que podem ser ficcionais- se delineia como um exercício literário típico da modernidade [...]. A escrita de si é uma modalidade literária autobiográfica que se caracteriza por uma tentativa, por parte do sujeito, objetivar o *eu* que fala. (ARAÚJO, 2011, p.07).

Neste ínterim, a escrita de si torna-se uma estratégia de desvelamento das histórias das mulheres e suas vivências, apagadas, muitas vezes, pelo racismo e sexismo, uma vez que esses segregam e violentam a mulher, ofuscam a ação e a identidade feminina negra como emancipada e empoderada. Por meio da escrita de si, a autora negra é capaz de, não só se autoafirmar, mas também de defender sua identidade e marcar suas existências e formas de resistências.

Para Michel Foucault (2006), a escrita de si é uma estratégia para se expressar toda sua individualidade, todavia, segundo o autor, o sujeito que escreve carrega consigo uma construção coletiva de conceitos, significados, representações que fazem parte do ambiente em que ele convive e com os quais se relaciona. Do mesmo modo, ao enveredar sobre a escrita de si, o autor também compartilha com o outro um olhar sobre a realidade, portanto, apresenta, denuncia e a caracteriza. Sendo assim, a escrita de si possibilita “[...] fazer coincidir o olhar do outro e aquele que se lança sobre si mesmo ao comparar suas ações cotidianas com as regras de uma técnica de vida.” (FOUCAULT, 2006, p. 162).

Assim, através da escrita de si e da auto-representação na literatura, Carolina Maria de Jesus e Cristiane Sobral tratam dos caminhos percorridos, da história do seu povo, de problemas sociais, aspirações, conquistas, lutas e da visibilidade da sua produção. Florentina Souza, no prefácio do livro “Vozes Literárias de Escritoras Negras”, de Ana Rita Santiago (2012), ao tratar sobre a escrita de autoras negras, acentua “[...] É também um espaço de cruzamento de vozes, trajetórias, modos de representação de escritoras que ‘desvelam’ histórias marcadas pelo desejo de inventar “eus” indelevelmente marcados pela categoria étnico-raciais e de gênero, ente outras (SANTIAGO, 2012, p. 11)”.

Posto isso, vemos que na escrita de si, em “Quarto de despejo”, de Carolina Maria de Jesus, a identidade feminina, a denúncia social da vida na favela e a resistência são características que se harmonizam. No trecho a seguir, ela expõe uma realidade comum às mulheres – incluindo-a – faveladas de sua época, ao mesmo tempo em que escreve para denunciar essa mesma realidade.

20 de maio

[...] Abri a janela e vi as mulheres que passam rápidas com seus agasalhos descorados e gastos pelo tempo. Daqui a uns tempos estes palitol que elas ganharam de outras e que há muito devia estar num museu, vão ser substituídos por outros. É os políticos que há de nos dar. Devo incluir-me, porque eu também sou favelada. Sou rebotalho. Estou no quarto de despejo, e o que está no quarto de despejo ou queima-se ou joga-se no lixo. (JESUS. 2012, p.38).

Cristiane Sobral também se vê na necessidade de denunciar a vida na favela e dos favelados, nascida com o início da abolição legal. Em seu poema *Faveiros*, ela fortalece as características do povo negro em seus atributos particulares, sobretudo a força e a resistência históricas para sobreviver em um mundo sem oportunidades, sem igualdades e repleto de exclusões. O poema ao tratar da pessoa negra, de sua historicidade e resistência, refere-se também a si mesma, sua cor, sua história, suas características físicas e culturais. Ao escrever sobre o povo negro, Cristiane escreve sobre si, transbordando a cultura negra

Faveiros

Quiseram transformar a favela num campo de concentração
Num genocídio eletrizado pelo choro das mães
Numa ópera do desespero

Quiseram exterminar essa gente de pele preta
Que continua resistindo
Subindo e descendo o morro

Gente valente que já cruzou tantos mares
Que calça as sandálias da valentia
Pisa as serpentes do mundo mau

Quiseram acabar com o descanso dessa gente
Que segue olhando a vista da cidade maravilhosa
Enxerga de um ponto privilegiado, esbanja outro tipo de visão

Quiseram transformar a favela num campo de concentração
Conseguiram uma concentração de beleza, de coragem
Um povo que vira a cara pro rancor e segue adiante

Quiseram transformar a favela num campo de concentração
Em vão
É melhor dar do que receber
(SOBRAL, 2010. P.44)

Desse modo, entendemos que essa concepção de escrita invoca a autoafirmação da identidade feminina negra e todo o universo particular e coletivo que envolvem as autoras em destaque neste estudo. Não é só possível transferir às personagens e vozes as marcas de seu pertencimento étnico-racial, gênero e classe, mas também torna-se viável para elas, através da escrita de si, identificarem-se, enquanto protagonistas de histórias que abarcam a realidade marcada por preconceitos e negação e, neste sentido, recriar histórias, sonhos, memórias e várias experiências construídas por diversas referências identitárias. Segundo Santiago (2012, p. 20), esse tipo de texto literário provoca:

[...] abalos de constituição do cânone literário, principalmente, de concepções de literatura, de relações de poder, de gênero e étnico-raciais construídas no Brasil. Debates contemporâneos também tensionam práticas de apagamento de assinatura e da palavra literária de escritoras negras.

As obras em estudo, mesmo com diversas traduções, ainda são pouco conhecidas no cotidiano de leitores(as) brasileiros(as) e usufruem de reconhecimento ainda ínfimo em nosso país; todavia, paulatinamente, elas interferem na supremacia do cânone literário, na medida em que alcançam leitores(as) e críticos(as) literários(as), como se refere Santiago (2012, p. 09),

As escritoras negras, em particular, têm sido sub-representadas nas histórias e críticas literárias. Os seus textos, na maioria das vezes são ignorados ou tidos como literatura de “inferior qualidade”. Foram vários e eficientes os recursos pelos “donos do campo literário” para, através do silenciamento, tornar inaudíveis as vozes de mulheres negras que tentam reescrever suas histórias e inseri-las na produção textual brasileira.

É importante lembrar que, nesse contexto, referimo-nos a dois aspectos ao abordarmos a relação da mulher negra com a literatura: o primeiro é o gênero e o segundo é o pertencimento étnico-racial. Esses dois aspectos, unidos às letras e ao imaginário da mulher negra autora, deixam-se transcrever, em linhas diversas, que evidenciam relações pessoais e características sociais em que ela está inserida. Em outras palavras, a apropriação que ela faz da escrita e de um estilo literário permitiu-lhe ser e estar no mundo, enquanto atuante e construtora da história de seu gênero e de seu pertencimento étnico-racial na sociedade.

Salgueiro (2004, p. 11-17), ao examinar semelhanças entre autoras negras brasileiras e afro-americanas, aponta que, ainda em contextos, décadas e lugares diferentes, as raízes africanas, individualidades, características e o preconceito foram sempre muito próximos no tocante à aceitação e à ascensão da mulher negra na literatura, acontecendo, sobretudo, por via de uma emergente valorização de suas obras nos cenários internacionais, de suas militâncias e da representatividade nacional. Esses aspectos acumulados garantiram não só a inserção da mulher negra na literatura, mas também a reflexão literária sobre subalternidade e jogos e estratégias de resistência. Como exemplo disso, Salgueiro (2004), ao analisar as obras da autora americana Alice Walker, afirma:

A celebração da insistência da mulher negra em resistir e viver. [...] Conto a conto, a autora, de forma ao mesmo tempo pontual e contextual, analisa mudanças e desafios das mulheres para enfrentar os novos tempos. [...] um dos seus temas recorrentes é sua atenção à mulher negra como criadora, geradora e como constante artífice de plena participação em todas as facetas de sua vida, tal fato relacionado com a saúde de sua comunidade. (SALGUEIRO, 2004, 80-81)

A presença da mulher negra autora na literatura se dá como prática de resistência. Escritoras negras contemporâneas constroem, através de narrativas e poemas, possibilidades de

resistir às subalternidades a que são acometidas e à representatividade negativa, atribuídas às mulheres negras, advindas do racismo e do sexismo. Segundo Araújo,

[...] o feminismo trouxe para o centro de discussão os mecanismos do sistema patriarcal que têm operado no silenciamento das vozes de tantas escritoras ao longo da história. Além disso, a contribuição da crítica feminista promoveu o deslocamento do discurso falocêntrico, que enforma e deforma as experiências, as construções identitárias e as estratégias de subjetivação das mulheres. (ARAÚJO, 2007, p. 09)

Entendemos, portanto, que, nesse aspecto, a mulher negra conquista o espaço literário enquanto meio de tratar de suas trajetórias, identidades, lutas, conquistas, desejos, medos e traumas, utilizando a escrita de si (FOUCAULT, 2006) e expressar aquilo que, de fato, vivencia, uma vez que silenciada, é posta no lugar de subalterna e permite que outros “falem” dela. Nesse caso, a arte literária torna-se um caminho de expressão para autoras negras. A literatura feminina e negra, neste sentido, contribui muito além do desmistificar papéis atribuídos socialmente por discursos falocêntricos, pois ela reinventa papéis e existências no caminho do protagonismo e da valorização cultural do ser mulher e negra.

Autoras como Carolina M. de Jesus e Cristiane Sobral transformam, em suas produções literárias, interesse deste estudo, a vida e a realidade vivida por figuras femininas negras em seus diversos aspectos, retratando os seus mais variados problemas e relações socioculturais, mostrando as condições de vida em que se encontram e as marcas históricas que ainda prevalecem nas relações interpessoais, familiares, sociais e de gênero.

Quanto a isso, poderíamos citar diversos trechos dos livros de Carolina e de Sobral; porém, aqui nos limitaremos a apontar uma característica comum entre as mulheres, não só na época de Carolina, mas em todas as épocas do Brasil até os dias atuais, a dificuldade que se enfrenta para ser uma mulher livre.

21 de maio

[...] Agora eu vou na casa de Dona Julita trabalhar para ela. Fui catando papel. O senhor Samuel pesou. Recebi 12 cruzeiros. Subi a Avenida Tiradentes catando papel. Cheguei na rua Frei Antonio Santana de Galvão 17, trabalhar para a Dona Julita. Ela disse-me para eu não iludir com homens que eu posso arranjar outro filho e que os homens não contribui para criar o filho. Sorri e pensei: em relação aos homens, eu tenho experiências amargas. Já estou na maturidade, quadra que o senso já criou raízes. (JESUS, 2012, p.41)

Vemos que Carolina, diante das necessidades de sua vida pobre, escreve buscando evidenciar a dureza que é ser mulher, mãe e não assalariada. Mesmo com trabalhos informais em questão – casa da Dona Julita – ela passa o caminho catando e vendendo papel. Não para de resistir à fome e à miséria. Luta com todas as armas possíveis. Ainda nesse contexto, ela

demonstra sua insatisfação e desilusão com os homens e como aprendeu a não se subjugar a nenhum deles.

Sobral, igualmente cita essa identidade diversificada e forte da mulher e da sua luta por independência no poema *Fé Raciocinada*:

Há de haver esperança

Mulheres em todas as partes do mundo...
Esperando nove meses
Velando o sono de seus infantes

Há de haver esperança

Mulheres enfrentando a insônia pelo descaso dos amados
Revendo as suas escolhas
Abandonando qualquer tipo de culpa

Há de haver esperança

Mulheres confiantes na fila de espera:
Do emprego, do salário, da vaga na quitinete improvisada...
Há oportunidades para moças do baixo clero com filhos

Há de haver esperança

Mulheres escolhem o melhor,
Incentivam a vasectomia, denunciam a violência na polícia,
Gozam na verdadeira vida, nem fácil, nem fútil...

Há de haver esperança

Uma mulher sempre espera, pronta para agir
Dorme vigilante na certeza de um amanhã,
Multiplica o leite dos peitos na boca dos que tem fome,

Há de haver esperança

As mulheres têm fé e não adormecem os sonhos
Ama pela paz,
Praticam a caridade por profissão

Há de haver esperança

Há de haver salvação
(SOBRAL, 2010, p.46-47)

No trecho de Carolina, vemos que, na sua produção literária, encontramos, com unanimidade, cenas literárias em que há relatos pessoais do cotidiano, memórias, dores e alegrias. Essas são algumas características que compõem um estilo de escrita autobiográfica, na qual o(a) narrador(a), estando em primeira pessoa, realiza uma escrita de si, conferindo significados para a própria existência e expondo sua vida de maneira peculiar. No poema de Sobral, essa característica narrativa é implícita, mas não deixa de expressar o pensamento em primeira pessoa. Nele são detalhadas, como uma forma de pensamento da autora, a esperança

e a fé num mundo em que outras mulheres, assim como as autoras em questão, estão resistindo e lutando pela independência.

Compreendemos, então, que a forma mais comum de se encontrar a escrita de si é a autobiografia. E, em outras palavras, o(a) autobiógrafo(a) faz uso da memória pessoal e coletiva sobre sua vida e ficcionaliza sua trajetória a partir de memórias que vão sendo recriadas ao serem transcritas. Segundo Michael Pollak (1989), a memória tem o sentido de inserir ou excluir um indivíduo de determinado grupo, uma vez que ela abrange características da identidade individual, mas também coletiva, fazendo com que as relações dos indivíduos com determinado grupo sejam de pertencimento ou não. A autobiografia é, portanto, a reconstrução de uma identidade dentro de um gênero híbrido de escrita, real e ficcional, valendo-se das memórias para tecer em linhas escritas o passado em que o(a) autobiógrafo(a) se assemelha e se identifica ao texto transcrito, como assegura Costa (2015).

Não devemos todavia, concluir que a escrita de si é totalmente literal da verdade nem que esteja totalmente presa à ficção, existe o meio termo, em que o(a) autor(a), ao escrever sobre si, reinventa ou reinterpreta situações de seu passado com o novo olhar que adquiriu, como afirmado por Auler (2011, p 2):

A autobiografia é um gênero híbrido, entre a história e a ficção, portanto, por mais que o autor possua a busca da verdade como pressuposto, sua narrativa não conseguirá se libertar totalmente das garras do ficcional e tampouco estará sob seu completo domínio.

Sendo assim, ao escrever sobre si, neste caso específico da autobiografia, o(a) autor(a) conta a sua história, buscando reinterpretá-la, aliando aos fatos decorridos elementos que transformam, em alguns casos, a realidade em um dado ficcional. Ainda que não possamos classificar *Quarto de Despejo* (1960) e *Não Vou Mais Lavar os Pratos* (2010) como obras autobiográficas, entendemos que tratam da escrita de si e, por isso, mostram, de forma intrínseca, a autobiografia das autoras, ou seja, a incorporação de elementos de suas identidades e características pessoais, da realidade em suas vidas mescladas com a ficção para denotar, caracterizar e transcrever alguns dos fatos por elas vividos.

Cristiane Sobral e Carolina Maria, respectivamente, enfatizam memórias importantes de suas vidas que as caracterizavam ou as influenciaram de alguma forma. No poema de Sobral, vemos o seu encantamento de filha pelo pai, que foi ausente em parte de sua vida. Sobre a memória de seu pai estão inseridas características da falta que ela sentia dele, da semelhança para com os livros, o cinema e, sobretudo, a sua ancestralidade negra.

Jacy

Conheci meu pai na meia idade,
aposentado, e com cabelos brancos.
Pele negra, cabelo liso e grosso
Não tinha cabelo no peito,

O meu pai tinha um nome indígena
Era magro, de pernas finas, adorava palavras cruzadas,
Amava os livros,
Acordava cedo e dormia tarde, assistindo a filmes de guerra.

Com o avançar da terceira idade,
O meu pai gostava de se fazer de vítima para os conhecidos
Posava de intelectual para os estranhos.

O meu pai era fã do Charles Bronson
Cozinhava com maestria e ariava panelas de alumínio no sol.
Era expert em arrumar a cozinha e dobrar sacos plásticos.

O meu pai gostava de passarinhos, cachorros e jiló.
Fumava e colecionava isqueiros escangalhados.
Era carioca, torcia pelo Flamengo e pela Portela.
O meu pai consertava tudo em casa e amolava facas.
Era vaidoso, sábio e resmungão.
Conhecia e cumprimentava todo mundo do bairro.

O meu pai ficou viúvo novo.
Nunca mais casou.
Teve filhos, netos e bisnetos.
Passou a morar sozinho
e a desfrutar as férias em companhia dos filhos
Que visitava de vez em quando

A mãe do meu pai nasceu em plena lei do ventre livre
Morreu centenária.
Papai descansou com setenta e cinco.
A memória do meu pai não vai acabar em mim.
(SOBRAL, 2010, p.96-97)

A memória na favela do Canindé, enaltecida por Carolina Maria de Jesus, é também motivo de dor e indignação. Ela escreve o que vive a cada dia, rememorando cada dia vivido. Ela convive com o racismo escancarado e “normalizado” na educação doméstica. Por outro lado, é evidente também o seu apego à escrita, através da qual denuncia a sua dor. A autora não se retrai por conta do preconceito.

24 de Julho

[...] O seu João veio buscar as folhas de batata. Eu disse-lhe:
– Se eu pudesse mudar desta favela! Tenho a impressão que estou no inferno.
... Sentei ao sol para escrever. A filha da Silvia, uma menina de seis anos, passava e dizia:
– Está escrevendo, negra fidida!
A mãe ouvia e não repreendia. São as mães que instigam.
(JESUS, 2012. p.27)

A memória, portanto, constitui um elemento rico na escrita de si. A memória está atrelada à formação da identidade por ela ser um recurso utilizado pelos indivíduos para compreenderem suas identidades, características e pensamentos, ressignificando suas origens. O(a) autor(a), ao narrar suas lembranças, recordações e memórias, toma o caminho da ficção e da fábula e dá conta de que a maior parte de suas narrativas, mesmo as mais íntimas, está recheada de ficção (OLMI, 2006).

A produção de Carolina Maria de Jesus e de Cristiane Sobral se insere em memórias poéticas, porque demarcam suas falas autorais na literatura brasileira em que vozes autorais, narradoras e poéticas se hibridizam em seus versos e narrativas. Além disso, em suas obras, elas se posicionam acerca do mundo e das ideias com suas interpretações e indagações, ligadas, por vezes, diretamente aos relatos biográficos de suas vidas.

No poema *Materna idade*, por exemplo, Sobral se posiciona como um ser humano completo em suas esferas, biológica, psicológica e social. Nele, ela se auto-afirma mulher empoderada e independente e como poeta.

Materna Idade

A biologia manda parir.
A metaplasia diz que não vai ser fácil.
A psicologia dá tempo ao tempo:
Cá estou.

Uma multidão de flancos,
alguns cabelos brancos no meio das pernas.
Na fila de espera de mais um dia fértil,
ainda sou filha do medo.

Em meio à urgência,
decreto a minha maioridade
A minha infinita capacidade
A espontânea vontade para o que vier

Serei mãe.
Das minhas próprias idéias,
das escolhas
do progresso.

Está bem doutor,
a consulta é semana que vem...
Resolvi ficar com a minha consciência
Ela diz que vou parir,
mas não posso parar agora
(SOBRAL, 2010, p.41)

Já Carolina, muito mais enraizada nos problemas sociais que acometeram a sua vida, transcreve poeticamente a sua crítica ao sistema político e enfatiza a fome como vilã. Ao narrar uma de suas conversas familiares, ela escancara a vida real dos brasileiros favelados, dos que

passam fome, são enganados e subalternizados. Retrata as esperanças perdidas de um povo que sofre diariamente por conta da má administração pública. Poeticamente, ela denuncia e defende a voz que é do seu povo e dela mesma.

20 de Maio

[...] Para mim o mundo em vez de evoluir está retornando a primitividade. Quem não conhece a fome há de dizer: “Quem escreve isto é louco”. Mas quem passa fome há de dizer:

– Muito bem, Carolina. Os gêneros alimentícios deve ser ao alcance de todos.

Como é horrível ver um filho comer e perguntar: Tem mais? Esta palavra “tem mais” fica oscilando dentro do cérebro de uma mãe que olha as panelas e não tem mais.

Quando um político diz nos seus discursos que está do lado do povo, que visa incluir-se na política para melhorar as nossas condições de vida pedindo o nosso voto prometendo congelar os preços, já está ciente que abordando este grave problema ele vence nas urnas. Depois divorcia-se do povo. Olha o povo com olhos semi-cerrados. Com um orgulho que fere a nossa sensibilidade.

Quando cheguei do palácio que é a cidade os meus filhos vieram dizer-me que havia encontrado macarrão no lixo. E a comida era pouca, eu fiz um pouco do macarrão com feijão. E o meu filho João José disse-me:

– Pois é. A senhora disse-me que não ia mais comer as coisas do lixo.

Foi a primeira vez que vi a minha palavra falhar. Eu disse:

– É que eu tinha fé no Kubstchek.

– A senhora tinha fé e agora não tem mais?

– Não, meu filho. A democracia está perdendo os seus adeptos. No nosso país tudo está enfraquecendo. O dinheiro é fraco. A democracia é fraca e os políticos fraquíssimos. E tudo que está fraco, morre um dia.

... Os políticos sabem que eu sou poetisa. E que o poeta enfrenta a morte quando vê o seu povo oprimido.

(JESUS, 2012, p. 39-40)

Como vimos, essa seção apresenta alguns aspectos das trajetórias dessas autoras, enquanto escritas e narrativas de si, no tocante à identidade feminina negra relacionada à construção de suas tessituras literárias.

2.2 Carolina Maria de Jesus: Uma mãe narradora da pobreza

Carolina Maria de Jesus nasceu em Sacramento, Minas Gerais, aos 14 de março de 1914. Viveu toda sua infância lá, onde pôde estudar até o segundo ano do ensino fundamental. Esse tempo foi suficiente para que Carolina aprendesse a ler, escrever e a apreciar a leitura.

Pouco se sabe sobre sua infância, apenas que seus pais eram analfabetos e que Carolina era filha biológica e bastarda de um homem casado. Mudou-se para São Paulo após a morte de sua mãe, em 1937, quando foi trabalhar como doméstica e viver na antiga favela do Canindé. É nesse tempo e espaço que Carolina experimentara a radicalidade e a dureza da fome e da

miséria, mas também inventara meios para sobreviver, catando lixo e escrevendo suas vivências (escrevivências).

Segundo Bourdieu (2003), ser mulher, enquanto construção social hegemônica seria saber “fazer-se pequena”. Carolina dificilmente se enquadraria nessa proposição, pois morou na rua e em favela, construiu seu próprio barraco e sustentava a si mesma e aos seus filhos.

[...] 18 de julho

Meus filhos não são sustentados com o Pão da igreja. Eu enfrento qualquer espécie de trabalho para mantê-los (JESUS, 2012, p.16).

A catadora se apresenta como uma mulher forte, que tinha sonhos e fantasias, amores, e que também tinha um corpo marcado pelos efeitos da fome e das condições precárias de vida:

15 de Julho

O meu sonho era andar limpinha, usar roupas de alto preço residir numa casa confortável, mas não é possível, Já emagreci 8 quilos. (Eu não tenho carne, e o pouco que eu tenho desapareceu...[...] quando passei diante de uma vitrine vi meu reflexo: desviei o olhar por que tinha a impressão de estar vendo um fantasma (JESUS, 2012, p.183)

Ela desejou ter outra aparência, mas a privação e as condições básicas de higiene, alimentação e saúde não lhe favoreceram. A fome foi a única capaz de ameaçar Carolina a uma vida subalternizada, assim como a pobreza causou-lhe impossibilidades de alcançar o bem-estar. A fome e pobreza caminharam lado a lado, colocando Carolina em um ciclo de miséria terrivelmente difícil de ser superado. Essa condição não lhe teria possibilitado usufruir de saúde com qualidade, ter nível de autoestima elevado e sociabilidade, uma vez que estão postas pela autora a estas condições os motivos de sua insatisfação com a vida.

Carolina foi uma mulher de pouco convívio social. No entanto, ela jamais deixou de sonhar: “[...] 15 de Maio. A noite tépida, céu salpicado de estrela. Eu que sou exótica gostaria de recortar um pedaço do céu para fazer um vestido...” (p.32).

Ela não tivera convívio marital, pois era mãe solteira de três filhos, cada um de um homem diferente. Teve medo de se relacionar afetivamente. Conviveu com a violência doméstica e sexual de várias mulheres na favela, como retrata:

18 de julho

Os meus filhos não são sustentados com o pão da igreja. Eu enfrento qualquer espécie de trabalho para mantê-los. E elas, tem que mendigar e ainda apanhar. Parece tambor. A noite enquanto elas pede socorro eu tranquilamente no meu barraco ouço valsas vienenses. Enquanto os esposos quebra as tabuas do barraco eu e meus filhos

dormimos sossegados. Não invejo as mulheres casadas da favela que levam a vida de escravas indiana. Não casei e não estou descontente. Os que preferiu me era soezes e as condições que ele me impunham era horríveis. (JESUS, 2012, p 16)

Carolina Maria de Jesus não aceitou a subserviência nas relações. Ela deixa bem evidente em seus depoimentos que desejou ser uma mulher livre e não aderiu às convenções sociais. Com rebeldia e altivez, Carolina se mostrou uma mulher emancipada, livre e autônoma. Usou da escrita para se emancipar; tornou-se intolerante à submissão; resistiu e refletiu bastante acerca do lugar em que vivera e do mundo a sua volta.

19 de Maio

[...] As oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mesclam com o barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo. (JESUS, 2007, p. 38).

Ela reivindicou, permanentemente, uma boa educação, a igualdade de direitos, liberdade e a justiça social.

10 de Maio

[...] O tenente interessou-se pela educação dos meus filhos. Disse-me que a favela é um ambiente propenso, que as pessoas tem mais possibilidade de delinquir do que torna-se util a pátria e ao país. Pensei: Se ele sabe disto, por que não faz um relatório e envia para os políticos? O senhor Janio Quadros, o Kubstchek e o Dr. Ademar de Barros? Agora falar para mim, que sou uma pobre lixeira. Não posso resolver nem as minhas dificuldades [...] O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora. Quem passa fome aprende a pensar no próximo, e nas crianças (JESUS, 2012, p.30)

As lutas enfrentadas por Carolina Maria de Jesus para criar seus três filhos estão entre as maiores dificuldades registradas em seus diários. Sendo mãe solteira, conseguir manter condições básicas como alimentação, educação e saúde para sua prole fizera com que a vida de Carolina fosse ainda mais difícil. Notoriamente, por seus registros, percebemos a prioridade e importância que ela, como mãe zelosa, dedicou aos filhos, ainda que de forma precária para as convenções sociais, na favela, em sua época, em meio a uma estrutura deteriorada e esquecida pelo poder público.

Carolina superou uma rede de dificuldades para garantir o máximo que pôde aos seus filhos, apesar do básico parecer luxo aos seus olhos e de sua gente.

01 de Junho

É quatro horas. Eu já fiz o almoço- hoje foi almoço. Tinha arroz, feijão, e repolho e linguiça. Quando faço quatro pratos penso que sou alguém. Quando vejo meus filhos

comendo arroz com feijão, o alimento que não está ao alcance dos favelados, fico sorrindo à toa, como estivesse assistindo um espetáculo deslumbrante. (JESUS, 2012, p. 50).

Ela era forte e determinada. Sozinha, ela criou os filhos. Apesar de ser rígida, foi, igualmente, terna, cuidadosa e protetora. Em um dos aniversários da filha, Carolina escreveu sobre a dura realidade em que vivia:

15 de Junho de 1955

Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos gêneros alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar. Eu não tinha um tostão para comprar pão. Então eu levei 3 litros e troquei com o Arnaldo. Ele ficou com os litros e deu-me pão. Fui receber o dinheiro do papel. Recebi 65 cruzeiros. Comprei 20 de carne. 1 quilo de toucinho e 1 quilo de açúcar e seis cruzeiros de queijo. E o dinheiro acabou-se (JESUS, 2012, p.11).

Além de trabalhar e cuidar dos filhos, ela precisava aprender a lidar com as adversidades que lhe impunha a realidade que a envolvia, de modo a preservar as esperanças de um futuro melhor para os filhos.

O sentimento de proteção em Carolina pode ser confundido com desapego ou frieza: “[...] 09 de Junho. Tem horas que revolto comigo por ter iludido com homem e ter arranjado filhos”. (p. 87). No entanto, a amargura que sentia não se devia ao fato de ser mãe, mas às condições inadequadas e à falta de planejamento familiar. Obviamente que Carolina não aceitara o percurso de sua própria vida. E ser mãe pode ter sido, muitas vezes, seu fortalecimento para sobreviver, embora, nesse trecho de suas memórias, ela demonstre sentimento de culpa, uma vez que seus filhos dependem dela para sobreviver.

Nesse contexto, devemos compreender o conceito de maternidade para entendermos o que Carolina sentia diante da realidade que resistia como mãe. Não podemos, porém, determinar ou classificar a maternidade sendo uma estrutura biológica, instintiva ou natural do sexo feminino, uma vez que, diferente de se ser genitora, tornar-se mãe é uma escolha. Para Lílian Reis (2010), a maternidade é um conceito social construído e enriquecido historicamente por gerações. Segundo ela,

Mulheres constroem significados acerca da maternidade a partir do contexto social e histórico no qual estão inseridas, internalizando e externalizando padrões transmitidos culturalmente. No entanto, do ponto de vista psicológico, a construção de significados nos remete também à experiência pessoal, à capacidade da pessoa de se distanciar do contexto, refletindo e criando novas estratégias para se posicionar diante da realidade, que apontam para a emergência de novidade no seu processo de desenvolvimento, o “ser mãe” implicou em “tornar-se” uma pessoa capaz de: assumir responsabilidades, cuidar do filho, ter iniciativa, amar, educar, ser solidária e sacrificar-se pelo outro. (REIS, 2010, p. 8).

Isso posto, entendemos que a maternidade, por ser uma construção sócio-histórica, é também uma experiência individualizada no encontro com o outro e que remete a cada mulher as suas experiências pessoais nessa construção. Subentende-se que, ao contrário do ditado “Mãe é tudo igual”, o qual não condiz com a realidade, cada mãe é única e serve-se de sua maternidade de acordo com o contexto e o meio em que está inserida. Nesta perspectiva, devemos olhar para a maternidade de Carolina Maria de Jesus levando em consideração o contexto no qual ela e seus filhos estavam inseridos: a pobreza, a fome, a favela, a vizinhança, a abundância de necessidades básicas, a resistência a tudo isso alimentada pelo sonho de dar aos filhos uma vida melhor do que a sua.

A narrativa de Carolina, portanto, é focada em sentimentos constantes vividos por ela no seu cotidiano. A tristeza, a fome, o desespero, a esperança e a rebeldia ajuda a explicar e a entender Carolina Maria de Jesus. Semelhante à sua mãe que, ao fim do casamento, devido à traição do seu marido, passou a gerenciar a casa e a criação dos filhos, Carolina também age igualmente ao ser abandonada pelos pais de seus filhos. Todavia, esses fatos não impediram que Carolina pudesse se tornar uma boa mãe e exercesse essa função com responsabilidade. Essas situações não eram (e não são) incomuns, como assevera Berquó, citado por Santos (2011),

A chefia feminina é outra característica associada a esse tipo de arranjo familiar. (...) percebe-se que a grande maioria das monoparentais vem de há muito, isto é, a partir dos estudos de 1970, sendo chefiada por mulheres. O aumento do número de separações e divórcios, com menor chance de recasamento para as mulheres, a sobremortalidade masculina, produzindo mais viúvas que viúvos, e os emergentes estilos de vida – novas formas de união se coabitação ou prole sem casamento – são os principais determinantes de tal situação (BERQUÓ, 1998, apud SANTOS, 2011, p.38).

Sobre esses aspectos, vemos que lares dirigidos e sustentados por mulheres, ainda hoje, são uma situação comum e abundante desde meados do século XX. Assim como sua mãe e tantas outras mulheres faveladas, negras e trabalhadoras, no passado e atualmente, Carolina educa e cria seus filhos com suor e esforço. Nos diários de Carolina, encontra-se o seguinte registro:

20 de Julho

Que suplicio catar papel atualmente! Tenho que levar minha filha Vera Eunice. Ela está com dois anos, não gosta de ficarem em casa. Eu ponho o saco na cabeça e levo-o nos braços. Suporto o peso do saco na cabeça e suporto o peso da Vera Eunice nos braços. Tem hora que me revolto-me. Ela não tem culpa de nada de estar no mundo. (JESUS, 2012, p.22)

Vemos que a fome e os filhos de Carolina são suas maiores preocupações; desde o início do livro há a preocupação com o presente da filha Vera Eunice. Não tendo dinheiro para pagar por um presente, uma vez que precisava suprir as necessidades básicas coma a alimentação de seus filhos, Carolina presenteou-lhe com um sapato que encontrou no lixo, lavado e depois costurado.

15 de Junho de 1955

Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos gêneros alimentícios nos impede a realização dos nosso desejos. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar. Eu não tinha um tostão para comprar pão. Então eu levei 3 litros e troquei com o Arnaldo. Ele ficou com os litros e deu-me pão Fui receber o dinheiro do papel. Recebi 65 cruzeiros. Comprei 20 de carne. 1 quilo de toucinho e 1 quilo de açúcar e seis cruzeiros de queijo. E o dinheiro acabou-se (JESUS, 2012, p.11).

Cabe salientar que, até a metade do século XX, ainda que houvesse situações familiares como a de Carolina e a de sua mãe, em que, sozinhas, necessitavam sustentar os filhos e a casa, a mentalidade que preponderava na época era arbitrária a essa situação, haja vista que a mulher ideal estava longe de ser mãe solteira. Cabia-lhe ser um exemplo de cuidado e zelo doméstico, protetora dos filhos e zelosa pelo marido. No entanto, Carolina Maria de Jesus não pensava como a maioria das pessoas de sua época:

02 de Junho

O senhor Manuel apareceu dizendo que quer casar-se comigo. Mas eu não quero porque já estou na maturidade. E depois, um homem não há de gostar de uma mulher que não pode passar sem ler. E que levanta para escrever. E que deita com lápis e papel debaixo do travesseiro. Por isso é que eu prefiro viver só para o meu ideal (JESUS, 2012. p. 50).

Segundo Bassaneze (1997 apud SANTOS, 2011, p.39), “[...] ao analisar o papel das mulheres dos anos 50 no Brasil, afirmou que nos anos dourados a ideologia vigente para as mulheres pregava a maternidade, casamento e dedicação ao lar”. A voz autora-narradora, não obstante, refuta o pedido de casamento com o intuito de não ameaçar o seu ideal e suas práticas de leitura e escrita. Impõe sobre os estereótipos da sua época a resistência e a força de suas convicções, sobrepondo, assim, a autonomia e a liberdade da mulher negra.

Na família-modelo dessa época, os homens tinham autoridade e poder sobre as mulheres e eram os responsáveis pelo sustento da esposa e dos filhos. A mulher ideal era definida a partir dos papéis femininos tradicionais – ocupações domésticas e o cuidado dos filhos e do marido – e das características próprias da feminilidade, como

instinto materno, pureza, resignação e doçura (BASSANEZE, 1997, apud SANTOS, 2011, p.39)

Paralelo a isso, sensível às necessidades dos filhos e as suas “obrigações de mãe”, Carolina pareceu ter medo de não ser uma boa mãe. Assim ela escreveu: “20 de junho. Eu preciso ser tolerante com meus filhos. Eles não tem ninguém no mundo a não ser eu” (p. 22). A iniciativa de se tornar mãe e, conseqüentemente, sua maternidade fizeram com que, aos poucos, ela se construísse como mãe, percebesse as necessidades dos filhos e prosseguisse, mesmo diante dos fracassos e da difícil vida, dedicando-se à educação familiar e ao exemplo materno para os seus filhos.

A culpa que sentia por ser mãe, sem o devido planejamento familiar e a sua vida precária, levaram Carolina, constantemente, à lamúria e à tristeza. Pensar no suicídio não era algo impossível, mas a vida lhe dera os filhos de consolo e a sua culpa era ressignificada pelos sentidos e alentos que o amor materno podia lhes dar:

16 de Junho

Hoje não temos nada para comer. Queria convidar os filhos para suicidar-nos. Desisti. Olhei meus filhos e fiquei com dó. Eles estão cheios de vida Quem vive, precisa comer. Fiquei nervosa, pensando: Será que Deus esqueceu-me? Será que ficou de mal comigo? (JESUS, 2012, p. 176).

Ser genitora pode ser algo natural, mas se tornar mãe é uma construção social que exige muito da própria mulher para com seus custodiados. As vidas pequenas que se tornam dependentes não só dos cuidados com asseios, alimentação e proteção que uma mãe pode oferecer ao seu desenvolvimento, mas também o afeto, a educação, a segurança, a confiança e a fé que o adulto ainda nutre por sua mãe se tornam o elo que permeia a relação entre ambos.

A maternidade é construída, ao passo que se vive e, mesmo depois que os filhos deixam de ser dependentes da mãe, não se deixa de construí-la. Carolina Maria de Jesus aprendeu a ser mãe num ambiente hostil e desafiador. Mas superou-se, enquanto mulher, tornando-se mãe.

2.3 Carolina Maria de Jesus: Uma narradora de si

Com uma existência marcada pela opressão, Carolina Maria de Jesus acreditou na escrita e na publicação, em livro, de suas anotações e escritos em seus cadernos, como possibilidades de sair da favela e ter mobilidade social: “27 de Junho. É que estou escrevendo um livro, para vendê-lo; viso com esse dinheiro comprar um terreno para sair da favela” (JESUS, 2012. p.28), assegurou ela.

Foi no lixo que Carolina encontrou aquilo que a deixava viva: o papel. Os jornais, papelão, livros e revistas, todos esses materiais, vindos do mesmo lugar, se tornaram seu “sustento”. Era o papel jogado no lixo que trazia comida para a casa de Carolina. Já os cadernos, que não mais serviam às outras pessoas, alimentaram os sonhos e expuseram a vida da catadora. Era no caminhar pela cidade, catando papel, que a moradora do Canindé comparava e percebia o lugar que ocupava na sociedade e as diferenças sociais que engendravam a sociedade.

A sua resistência era a escrita, por isso produziu depoimentos e relatos duros e autênticos em papéis e cadernos encontrados no lixo. Em todas as situações em que estivera envolvida, se posicionara. Mesmo sendo, para ela, difícil viver livre das opressões e discriminações, escrever foi uma alternativa de sobrevivência, resistência e de reescrita de sua existência, ainda que pelo sonho, pela imaginação e por sua linguagem própria.

12 de junho

Enquanto eu escrevo, vou pensando que resido num castelo cor de prata que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhante, que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades [...] é preciso criar este ambiente de fantasia para esquecer que estou na favela (JESUS, 2012, p. 60)

Carolina Maria de Jesus cursou apenas os dois anos de escolarização, como afirma Toledo (2011):

Entrou tardiamente na escola por falta de recursos primários de toda ordem, como: sapatos, cadernos, roupas, lápis, borracha; por incentivo da patroa de sua mãe, que a matriculou na escola Allan Kardec, cursou apenas dois anos escolares. Abandonou os estudos para trabalhar de lavadeira e doméstica, ajudando no sustento da família. (TOLEDO, 2011, p. 17)

Mesmo sem um grau maior de escolarização, ao que indica sua história biografada, ela adorava ler. “21 de junho. O livro é a melhor invenção do homem”, afirmara ela (JESUS, 2012, p. 24). O fascínio pela leitura a atraía de tal forma que ela compunha de informações a sua vida, retirando-as de jornais, revistas e livros, que achava nos lixos, moldando-se e educando-se daquilo que lhe faltara no decorrer do ensino regular. Por tudo isso, Carolina viveu um tipo de preconceito, estritamente peculiar, o de ser leitora em um local onde a maioria mal sabia ler, como ela mesma declarara: “20 de Julho. Aqui, todos imprecam comigo. Dizem que falo muito bem [...] Quando fico nervosa não gosto de discutir. Prefiro escrever. Todos os dias eu escrevo. Sento no quintal e escrevo”. (JESUS, 2012, p 22).

Outro fato marcante na vida de Carolina que ela, vagamente, deixou transparecer, foi a sua preferência por músicas eruditas, pois ela ouvia valsa vianense. O que nos deixa o

pensamento de que sua influência musical e artística deve ter nascido em algum lugar das casas em que trabalhou como doméstica, pois, dessa experiência, Carolina conheceu os dois mundos sociais em que estava dividido o país. De um lado, uma minoria burguesa que detinha os privilégios e o controle da massa e, do outro, a massa, uma legião com incontáveis desfavorecimentos sociais e de qualidade de vida. Sob essa observação, rechaçava a favela e nutria a vaidade intelectual e a semelhança com aqueles que pertenciam a essa minoria. Podemos entender isso quando ela escreve:

8 de agosto

O bandido insensato porque a sua idade não lhe permite conhecer as regras do bom viver. Promessinhas é da favela da Vila Prudente. Ele comprova o que eu digo: que a favela não forma caráter. A favela é o quarto de despejo. E as autoridades ignoram que tem o quarto de despejo”. (JESUS, 2012, p. 107).

A vida desta autora é cercada por sonhos e desejos, principalmente, o de se tornar escritora e trazer a público aquilo que escrevera durante seus anos de desprezo, totalmente esquecida pela sociedade e pelo Estado no interior de uma favela, tal como ela sinalizou: “E assim, no dia 13 de maio de 1958, eu lutava contra a escravatura atual – a fome.” (JESUS, 2012, p 32). Carolina, ao narrar o seu cotidiano de fome, representa a imagem de um povo ainda escravizado, que está preso aos grilhões da subalternidade, das desigualdades sociais e da má distribuição de renda.

São nessas características que surge Carolina Maria de Jesus no cenário editorial com os testemunhos de vida. A partir de suas percepções, seja da época em que viveu na favela, seja da época em que trabalhou como doméstica para pessoas ricas em São Paulo (TOLEDO, 2011), seja de sua vida de retirante – Minas Gerais para São Paulo – até o sucesso do livro *Quarto de Despejo: o diário de uma favelada* (1960), Carolina recriou cenas de seu cotidiano através da qual representou a favela e a voz da minoria.

Anos mais tarde, foram lançados outros diários, tais como *Casa de Alvenaria* (1961) *Pedaços de Fome* (1963) *Provérbios* (1963) e outros póstumos, *Diário de Bitita* (1982), *Meu Estranho Diário* (1996), *Antologia Pessoal* (1996) e *Onde Estaes Felicidade* (2014), mas que não atingiram o mesmo sucesso que *Quarto de Despejo* (1960). Sendo assim, ela teve que lidar com o insucesso, uma vez que seus livros foram marginalizados. Muitos intelectuais duvidaram da autoria de Carolina, negando-lhe o mundo das letras, porém ela não se rendeu e continuou escrevendo, mesmo com suas obras tidas como inferiorizadas frente às de outros (as) autores (as).

Sendo uma escrita de si, seus livros retratam não tão somente suas vivências como mulher negra, catadora, mãe solteira e moradora de favela, mas também aspectos e modos de vida nas periferias das cidades. Carolina expressa a mais real conjuntura da favela do Canindé, em São Paulo, denunciando a situação deplorável e grita, pela palavra, um pedido de socorro para ela e os moradores da favela, como já citamos anteriormente; “[...]10 de Maio. O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora. Quem passa fome aprende a pensar no próximo e nas crianças.” (JESUS, 2012, p 30).

Esse apelo não se esbarra apenas em Carolina Maria de Jesus e em sua família, mas se espalha nas periferias de muitas cidades brasileiras e no interior do país. Ao representar a cidade de São Paulo e a situação dos favelados, ela escreve: “[...]15 de Maio. Eu classifico São Paulo assim: o Palácio, é a sala de visita. A prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos”. (JESUS, 2012, p 32).

Carolina nos chama a atenção, em sua escrita, pelo olhar crítico mediante a sua realidade. Ela se indignava com as situações nas quais vivera e denunciou isso através de seus diários. Segundo a professora e colunista Maria Clara Lucchetti Bingemer,

Outro traço particular da escrita de Carolina Maria de Jesus é sua consciência política e social. Passagens de seus livros mostram que a escritora estava sempre informada do que acontecia não só em São Paulo, mas também em outros Estados, provavelmente por meio de notícias lidas em jornais que via nas bancas. [...] Carolina não era alienada. Tinha consciência de sua condição e da injustiça de levar aquela vida. Em seu diário escrevia: “Hoje em dia quem nasce e suporta a vida até a morte deve ser considerado herói.” Desânimo, desespero, tentação de suicídio, tudo isso rondou-a durante sua vida. (BINGEMER, 2009, s/n).

Para a professora Maria Clara (2009), Carolina nunca estivera livre das mazelas que infligiram o controle emocional e a sanidade naquelas condições desesperadoras. Ela assinala para um ponto importante na vida da autora que é a fragilidade em alguns momentos de luta pela sobrevivência – o suicídio – (JESUS, 2012, p 100-103). Momentos em que ela, diante de tanta insistência e resistência, encontrava barreiras montanhosas que a atrapalhavam de acreditar e ir além, como ocorre com qualquer ser humano diante de um grande desafio. Carolina escreveu:

20 de Julho

O meu sonho era andar bem limpinha, usar roupas de auto preço, residi numa casa confortável, mas não é possível. Eu não estou descontente com a profissão que exerço. Já habituei-me a andar suja. Já faz oito anos que cato papel. O desgosto que tenho é residir em favela. (JESUS, 2012, p 22)

Carolina pôs em cheque, como causa de seu sofrimento, a vida na favela do Canindé, esboçando uma aceitação de sua condição social e o momentâneo rompimento com as expectativas de haver mudança, sobretudo, porque Carolina não acreditava nas autoridades que governavam o Estado, ao ponto de mudarem tais condições. Ela pretendia sair de tal realidade com a divulgação e venda dos seus escritos em forma de livro.

16 de Maio

[...] Eu não ia comer porque o pão era pouco. Será que é só eu que levo essa vida? O que posso esperar do futuro? Quando estou com fome quero matar o Janio, quero enforçar o Adhemar e queimar o Jucelino. As dificuldades corta o afeto do povo pelos políticos. [...] Será que os pobres de outro país sofrem igual aos pobres do Brasil? (JESUS, 2012, p. 33).

Notadamente, Carolina odiava sua condição social e se via perseguida pelo sofrimento. Desejava, ardentemente, entender os mecanismos que prendem os pobres aos “seus destinos”. Ela sabia que os políticos priorizavam um seletivo grupo, que não residia em favelas nem eram pobres. Buscou, ferozmente, com suas denúncias, relatar o que pensava sobre os homens e suas relações de poder quando desabafou:

29 de Maio

Até que enfim parou de chover. As nuvens desliza-se para o poente. Apenas o frio nos fustiga. E varias pessoas da favela não tem agasalhos. Quando uns tem sapatos, não tem palitol. E eu fico condoída vendo as crianças pisar na lama (...) Percebi que chegaram novas pessoas para a favela. Estão maltrapilhos e as faces desnutridas. Improvisaram um barracão. Condoí-me de ver tantas agruras reservadas aos proletários. Fitei a nova companheira de infortúnio. Ela olhava a favela, suas lamas e suas crianças paupérrimas. Foi o olhar mais triste que eu já presenciei. Talvez ela não mais tem ilusão. Entregou sua vida aos cuidados da vida.
[...] Há de existir alguém que lendo o que eu escrevo dirá... isto é mentira! Mas, as misérias são reais. O que eu revolto é contra a ganância dos homens que espremem uns aos outros como se espremessem uma laranja. (JESUS, 2012, p 47).

Carolina denunciou a suposta subalternidade feminina e a violência contra a mulher tão presentes no cotidiano da favela em que residiu. Algumas mulheres, segundo ela, (2012, p. 16), se tornaram “escravas” de seus maridos, totalmente dependentes e submissas, incapazes de uma reação e de se livrarem das agressões sofridas. A voz autora-narradora relata as dificuldades a que elas, por viverem à margem, estavam submetidas como a prostituição, promiscuidade e o abuso sexual.

28 de Outubro

[...] Aí, separou-se do esposo e está morando com a Zefa. O esposo dela encontrou ela com o primo. Agora ela veio comercializar o seu corpo na presença do esposo. Penso: a mulher que separa-se do esposo não deve prostitui-se. Deve procurar um emprego. A prostituição é a derrota moral de uma mulher. É como um edifício que desaba. Mas tem mulher que não quer ser só de um homem. Quer ser dos homens. Uma única dama, dançando quadrilha com vários homens. Sai dos braços de um, e vai para os braços de outros.

A Dona Maria Preta trouxe a filha para eu desinfetá-la. Ela está de boqueira (JESUS, 2012, p 128).

Diante dessas condições, tais mulheres sonham, mas não têm perspectivas. Carolina, porém, para amenizar seus sofrimentos e desgostos, por viver na favela, lutou contra essas práticas de discriminação social com a leitura e a escrita. Ousamo-nos aqui a inferir que Carolina Maria de Jesus tinha uma certeza de que seus registros se tornariam livros, por isso não sucumbiu à morte nem à desolação, pois acreditou que mostraria ao mundo a vida da favela do Canindé refletida na pele de uma mulher negra e semianalfabeta.

Dessa forma, Carolina usou a escrita para romper com o silêncio e inscrever-se na história tal qual muitas mulheres já fizeram, como descreve Livia Reis (*Apud* Araújo, 2011, p. 01): “Romper o silêncio, sair da sombra, inserir-se na cultura, conquistar o lócus, inscrever-se na História – esta tem sido a tarefa da mulher desde que se decidiu a fazer uso da voz e da pena, na tentativa de forjar-se enquanto sujeito”. Carolina, neste ínterim, foi resistente e diferenciada, mostrando ao mundo, através da escrita, um Brasil pouco visto e muito vivido pelos seus (suas) cidadãos (ãs).

2.4 Cristiane Sobral: uma autora de (re)existências

Cristiane Sobral, casada com Jurandi Luis, mãe de Malick Jorge e Ayana Thainá, é carioca, nascida em 1974, em Coqueiros, Zona Oeste do Rio de Janeiro-RJ, e reside em Brasília-DF desde 1990. Cristiane é Mestre em Artes pela UNB, especialista em Docência Superior pela Universidade Gama Filho no Rio de Janeiro e é licenciada em Artes Cênicas pela Universidade Católica do DF e bacharel em Interpretação Teatral pela UNBC – Brasília.

Cristiane Sobral ganhou diversos prêmios e títulos como Mulher, Educadora, Cidadã do Mundo (2015), Escritora imortal da Academia de Letras de Brasil (2012), seção Distrito Federal. Foi premiada como literatura cânone (2009). Além desses, obteve diploma de Mérito do Grupo Teatral Nguzu yetu (2007), ganhou também o prêmio de melhor atriz, destaque feminino, em 2005. É também diretora de teatro.

Por conta de sua diversidade de formação e produção artística, Cristiane Sobral é convidada frequentemente para ministrar oficinas em vários eventos literários. Dentre suas obras teatrais estão “Boneca de Lixo” (1998), *Dra. Sida* (2000) “Petardo, será que você aguenta?” (2004), “Comédia dos Absurdos” (2005). Com essas obras, evidencia-se o compromisso de Sobral com os aspectos humano e social e com a história de seu povo.

Além da dramaturgia, Cristiane Sobral tem publicações em *Cadernos Negros* e revistas literárias ligadas às questões raciais. Segundo Elizabete Lima (2013), “A partir dessa iniciativa, a atriz se agregou ao mundo literário, no qual passou a atuar constantemente, suas escritas não ficam apenas em peça, mas percorre a poesia – sua maior produção – além de contos”.

Sua estreia na literatura é mais tardia de que no teatro. Antes de se lançar a escrever, Sobral já era atriz, desde os quinze anos especificamente. Em 1990, com sua mudança para Brasília, ela encontrou as estruturas intelectuais e sociais de movimentos que nortearam sua caminhada e seus ideais políticos, participando de movimentos estudantis e atuando diretamente no meio social. Somente, a partir do ano 2000, no volume 23, começou a participar dos *Cadernos Negros*. Ao escrever numa coluna de crítica teatral para a revista *Tablado*, a autora se conectou ao mundo da escrita. Nos anos seguintes, Cristiane fortaleceu seu vínculo com a dramaturgia e começou, então, suas próprias produções para o teatro. E de suas vivências e experiências com esse universo, os escritos de Cristiane Sobral transformam-se em livros.

A principal e mais conhecida obra de Cristiane Sobral é o seu primeiro livro: “Não vou mais lavar os pratos” (2010). Além de “Espelhos, miradouros, dialéticas da percepção” (2011), “Só por hoje vou deixar o meu cabelo em paz” (2014) e “O tapete voador” (2016).

De modo geral, as obras de Cristiane Sobral apresentam uma abordagem contemporânea de escrita de si que passa por temas que discutem o empoderamento da mulher negra e a discriminação racial e social, até temas que tratam do cotidiano, do amor, sexo, beleza, denúncia ao genocídio do povo negro, ancestralidade e afirmação da identidade negra. Sendo assim, Cristiane nos dá mostras de como esse tipo de narrativa se propõe como instrumento de assumir a identidade racial do (a) negro (a), expondo situações do cotidiano e galgando espaços de resistência e atitudes conscientes que quebram barreiras sociais e raciais no país.

No poema “Não vou mais lavar os pratos” (SOBRAL, 2010), por exemplo, a voz poética nos instiga a uma tomada de decisão necessária para que possamos fazer escolhas que viabilizem uma vida sem fardos e com novas possibilidades de leitura e convivência, em que velhos estereótipos e ideologias sobre cor e gênero não sejam empecilhos ou barreiras sociais.

Não vou mais lavar os pratos
Nem vou limpar a poeira dos móveis
Sinto muito. Comecei a ler

Abri outro dia um livro e uma semana depois decidi
 Não levo mais o lixo para a lixeira
 Nem arrumo a bagunça das folhas que caem no quintal
 Sinto muito. Depois de ler percebi a estética dos pratos
 a estética dos traços, a ética
 A estática
 Olho minhas mãos quando mudam a página dos livros
 mãos bem mais macias que antes
 e sinto que posso começar a ser a todo instante
 Sinto
 Qualquer coisa
 Não vou mais lavar
 Nem levar.
 Seus tapetes para lavar a seco
 Tenho os olhos rasos d'água
 Sinto muito
 Agora que comecei a ler, quero entender
 O porquê, por quê? E o porquê
 Existem coisas
 Eu li, e li, e li
 Eu até sorri
 E deixei o feijão queimar...
 Olha que o feijão sempre demora a ficar pronto
 Considere que os tempos agora são outros...
 Ah,
 Esqueci de dizer. Não vou mais
 Resolvi ficar um tempo comigo
 Resolvi ler sobre o que se passa conosco
 Você nem me espere. Você nem me chame. Não vou
 De tudo o que jamais li, de tudo o que jamais entendi
 você foi o que passou
 Passou do limite, passou da medida, passou do alfabeto
 Desalfabetizou
 Não vou mais lavar as coisas e encobrir a verdadeira sujeira
 Nem limpar a poeira e espalhar o pó daqui para lá e de lá para cá
 Desinfetarei as minhas mãos e não tocarei suas partes móveis
 Não tocarei no álcool
 Depois de tantos anos alfabetizada, aprendi a ler
 Depois de tanto tempo juntos, aprendi a separar
 Meu tênis do seu sapato
 Minha gaveta das suas gravatas
 Meu perfume do seu cheiro
 Minha tela da sua moldura
 Sendo assim, não lavo mais nada
 e olho a sujeira no fundo do copo
 Sempre chega o momento
 De sacudir, de investir, de traduzir
 Não lavo mais pratos
 Li a assinatura da minha lei áurea escrita em negro maiúsculo
 Em letras tamanho 18, espaço duplo
 Aboli
 Não lavo mais os pratos
 Quero travessas de prata, cozinhas de luxo
 E joias de ouro
 Legítimas
 Está decretada a lei áurea.
 (SOBRAL, 2010, p.23)

O poema traz à baila o período da escravidão dos (das) negros (as) no Brasil, fazendo referência à escravidão dos (das) trabalhadores (as) nos dias atuais, mostrando-a como um perpetuador do racismo no Brasil. Essa denúncia de uma escravidão, supostamente velada sobre o racismo, nos torna cientes da necessidade de continuar resistindo, pois ainda há muito o que se fazer na luta por igualdade e respeito.

Ao citar a Lei Áurea (Lei Imperial 3.353), a voz lírica de Sobral (2010), levanta um olhar que vai além do decreto imperial e visibiliza a dominação ideológica como correntes que impõem ao (à) negro (a) invisibilidades de seus direitos e os fazem historicamente subalternizados. Por meio da afirmação da identidade negra, sobretudo da mulher, por meio da literatura, como é o caso da poesia de Sobral, é possível que o (a) negro (a) se torne sujeito crítico e fazedor de seu lugar na sociedade, buscando, cada vez mais, espaços longe de preconceitos e construindo socialmente sua voz.

No primeiro verso, a voz poética da autora já expõe politicamente um protesto – “Não vou mais” – em que propõe desconstruir a ideia imposta socialmente de que às mulheres são destinadas os trabalhos domésticos. Aludindo ainda ao período escravocrata brasileiro, os serviços braçais eram menosprezados e vistos com desprezo pela elite branca. Atualmente, esse perfil de trabalhador, sobretudo o doméstico, está intimamente ligado às mulheres. Esboçando resistência e insurreição, o poema é, em si, um marco na literatura feminina e negra na contemporaneidade, pois é um manifesto a favor da abolição da escravidão de gênero e descontinuidade das amarras sociais.

Há neste poema, assim como em todo o livro de Sobral (2010), por meio de vozes poéticas, a ressignificação de paradigmas construídos por olhares masculinos na literatura, como também a busca pela construção de novas identidades através do compromisso social e político, em que esses indivíduos agora são sujeitos de sua própria história.

A autora acena ainda o desejo de liberdade feminina. No poema, a oportunidade de ler (conhecer, aprender, refletir, transformar-se) é a chave para essa libertação. Por meio da leitura, a voz poética descobre que é capaz de se auto-afirmar e construir-se a partir de seus próprios interesses, evidenciando a importância da leitura e escrita no empoderamento da mulher.

negra, conquistou mais espaço para denunciar e se proteger dos preconceitos racial, social e de gênero.

As mulheres negras que, durante séculos, foram descritas e narradas na literatura brasileira como aquelas que pertenciam a um lugar menor e desprezível na sociedade, muitas vezes caracterizadas como animais, sexualizadas ou imorais, encontram, nas obras de Sobral, um novo lugar a partir da denúncia, em todas as esferas da sociedade, dos mecanismos de exclusão.

O livro “Não vou mais lavar os pratos” (2010) apresenta anseios por liberdade, denuncia a opressão de classes, exclusões por cor e por gênero herdadas de um Brasil colonial que “coisificam o corpo” da mulher negra. Por isso, para entendermos o racismo e a “coisificação do corpo” da mulher negra, se faz necessário recorrer a um Brasil que insiste em perpetuar os moldes de controle social por meio da inferioridade étnico-racial e da subalternidade feminina. Por muito tempo, acreditou-se que ser negro era uma identidade ruim, amaldiçoada, pois ligavam a imagem do negro somente com o trabalho escravizado e a marginalização. Em contrapartida, “tornar-se branco”, assemelhar-se ao comportamento, à vida social e à aparência dos descendentes de europeus, era uma alternativa e um ideal quase obrigatórios para a aceitação social. Sueli Carneiro (2011), sobre isso, afirma:

Vem dos tempos da escravidão a manipulação da identidade do negro de pele clara como paradigma de um estágio mais avançado de ideal estético humano; acreditava-se que todo negro de pele escura deveria perseguir diferentes mecanismos de embranquecimento. (CARNEIRO, 2011, p. 64).

Apesar de ser incisiva no tocante estético, entendemos que essa manipulação se deu também tanto no âmbito cultural quanto no religioso para que, de modo mais eficaz, esse tipo de manipulação fizesse efeito, garantindo em todas as esferas a autocondenação e uma autoestima fragilizada dos afro-brasileiros. A autora não só declara que a identidade do negro era manipulada para o abortamento das características afrodescendentes em virtude de uma cultura do embranquecimento, ela também deixa explícito que a miscigenação tornou-se um forte aliado nesse processo.

Não obstante, ainda hoje essas estratégias que tendem a promover o embranquecimento são amplamente alargadas. As mídias sociais e os estereótipos sociais ainda conservam em sua maioria a estética do corpo branco. Ser branco, assemelhar-se ao branco, portanto, continua sendo para uma parcela de negros e negras uma aceitação social. Arbitrariamente a tudo isso, na obra em estudo (2010), lemos uma nova mulher, a mulher real, aquilo que ela é sem

estereótipos nem amarras sociais, forte e resistente aos preconceitos e aos estereótipos, como assevera a voz poética de *Revolução*.

Greve no reino das bonecas
 Abaixo a fidelidade!
 Guerra à amamentação!
 Desde criança os meninos brincam com seus carros
 Dirigem a tudo e a todos
 Enquanto as bonecas nascem para enfeitar

Abaixo a futilidade!
 As reuniões no clube das grávidas!
 Das sogras e das professoras!
 Bonecas exigem o direito aos orgasmos
 E ao futebol
 Bonecas também adoram filmes e dinheiro

E quem é que cuida do mundo enquanto as bonecas se divertem?
 E quem é que cuida dos filhos enquanto os rapazes se embriagam?
 E quem é que aceita quando ambas pedem desculpas?

As bonecas estão realmente insatisfeitas,
 Mas não cegas
 Há alguma coisa errada desde o princípio...
 Porque os homens são menininhos tão frágeis!

E que é que faz promessas para parir somente homens?
 E quem é que faz apostas pelo sexo mais forte?
 E quem é que destina às mulheres o reino das sofredoras?

As bonecas agora reivindicam carrões
 Querem passear com os garotinhos
 As garotas e as rapazolas enfim buscam paz
 Finalmente saem juntas para aprender a brincar
 E viva a paz no reino!
 (SOBRAL, 2010, p.52)

Neste poema, o sujeito poético fere o estereótipo machista de submissão imposto pelo homem controlador, tratando a igualdade de direitos entre mulheres e homens, não só a igualdade de gêneros, mas da igualdade social, ao mesmo tempo em que trata de encorajar e denunciar o pensamento opressor contra as mulheres. Elizabete Lima (2013) declara que Cristiane Sobral

É uma das maiores lutadoras pela igualdade social, buscando a inserção da comunidade negra na sociedade brasileira. Criadora do grupo negro “Cabeça Feita”, destinado a alunos beneficiados pelo programa de cotas da Universidade de Brasília, a atriz há anos coordena suas atividades, na qual é a escritora de muitas peças que são apresentadas. O grupo encena, além das peças da atriz, trabalhos destinados a tratar do negro, como os do TEN (TEATRO EXPERIMENTAL DO NEGRO). O objetivo da professora de teatro vai além da montagem e apresentação de peças, seus alunos realizam pesquisas sobre a trajetória do negro no teatro brasileiro. (p. 10)

Portanto, a vida e obra de Cristiane Sobral estão por fortalecer a raiz e a identidade afro-brasileira, tornando-se instrumento de resistência, em que sua obra se confunde com sua vida, uma vez que nelas estão impressas as características que fazem parte da luta de Cristiane pela igualdade de direitos e a reafirmação da negritude brasileira. Desse modo, vemos na escrita de Cristiane Sobral, além da reafirmação da própria identidade, o próprio reflexo, a cor, o cabelo, a herança cultural, a afro-descendência e latinidade, expressos na vida de mulheres negras do Brasil. Dessa maneira, Cristiane, ao transportar as suas dores e ideais para suas obras, reflete e denuncia os atos discriminatórios e excludentes, muitas vezes silenciados. O que Cristiane tenta fazer é atribuir ao (à) negro (a) um papel principal e atuante em suas obras, fazendo uma análise da realidade e inserindo o cotidiano e a vida como ela é. A figura negra, normalmente, relegada e menosprezada na literatura brasileira, tem nos textos de Cristiane o “destino” inverso, como podemos perceber no poema *Verdade*:

Por que o cabelo do negro é alto, imponente e armado?
 Para proteger as cabeças pensantes que ele abriga!
 As cabeças negras geraram, nutriram e enriqueceram esta nação
 Com seus braços, com seus seios e com seu sexo
 Dentro dessas cabeças,
 Está o poder de luta pela raça. (Sobral, 2010 p.70)

A relação de Sobral com a literatura é íntima e visceral, levando-a a escrever sobre a necessidade de ruptura dos moldes estabelecidos e a importância de uma educação que inclua a minoria, já que o poder e o acesso aos bens de consumo mexem com as estruturas sociais e deixam milhares de pessoas à margem e reféns da cultura dominante. Cristiane nos faz perceber, através de sua escrita poética e teatral, que ainda há um longo caminho a ser percorrido, o qual será preciso reforçar e expandir discursos de resistência, sobrevivência e reescrevendo a história do povo negro.

Cristiane, desafiando as estatísticas da elite intelectual, que se utiliza de mecanismos perversos para desqualificar publicações de escritoras negras, consideradas menor, faz uma revalorização da cultura, dando novas formas, tendo como foco construir uma literatura de afirmação, referenciando o coletivo com um olhar que parte do que está próximo e tem propriedade do que é vivido e percebido. Esses são alguns elementos que aproximam as autoras Carolina Maria de Jesus e Cristiane Sobral.

Com as escritas e narrativas de si, as autoras estamparam para o mundo a face cruel e segregacionista que perdura ao longo dos anos na sociedade brasileira. Mesmo com exatos cinquenta anos de diferença de suas primeiras publicações, “Quarto de Despejo” (1960) e “Não Vou Mais Lavrar os Pratos” (2010), ressoam um grito de denúncia contra o racismo e a

desigualdade de gênero no país. Sendo assim, por meio da análise bibliográfica, destacamos, nesta seção, as características das autoras Carolina Maria de Jesus e Cristiane Sobral que, em contextos e períodos distintos, utilizam as escritas e narrativas de si para elaborar suas tessituras literárias como estratégias que fortalecem e auto-afirmam suas identidades, como também motivar, influenciar e reafirmar a identidade negra feminina.

III SEÇÃO
QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA E
NÃO VOU MAIS LAVAR OS PRATOS:
ENTRE NARRATIVAS DE SI E MODOS DE RESISTÊNCIA

Carolina Maria de Jesus e Cristiane Sobral, em períodos históricos diferentes, utilizaram a narrativa de si como estratégia de denúncia a vida à margem e o fortalecimento da identidade feminina negra. Conscientes do lugar que lhes atribuem na sociedade, são também resistentes por lutarem pela reversão ou tentativa de romper com subalternidades e criando outras escritas literárias.

Ao analisar as obras de Carolina Maria de Jesus e de Cristiane Sobral, percebemos que não há só distância temporal entre elas, há, inclusive, uma lacuna de educação formal entre as duas, o que não as impediu de pensar e escrever de forma semelhante no tocante à resistência e à identidade feminina. No entanto, acreditamos que em Sobral há uma maior intencionalidade nos textos, ou seja, Carolina Maria de Jesus, ao escrever sobre si e não declarar em nenhum trecho essa intencionalidade de forma explícita, nos faz acreditar que não teve a pretensão objetiva de tratar e representar o feminismo negro brasileiro, enquanto Sobral, por sua vasta formação e área de atuação, tem consciência de sua escrita enquanto tal.

Em “Quarto de Despejo: diário de uma favelada”, Carolina Maria de Jesus, autora-narradora, conta, em fragmentos, como foi a sua vida na favela em Canindé-SP. Esse livro foi produzido a partir da compilação de diários velhos da autora, construídos com cadernos encontrados no lixo por ela, quando era catadora de papel. O livro está organizado em forma de diário através dos relatos datados entre os anos 1955 e 1960. Foi publicado em 1960, em São Paulo, após uma compilação dos textos já divulgados pela imprensa nos dois anos anteriores, quando Carolina Maria de Jesus e seus diários foram descobertos pelo jornalista Audálio Dantas.

O lançamento de “Quarto de despejo: diário de uma favelada” foi em 1960, pela editora Francisco Alves, em forma de brochura, com 173 páginas. Logo em seguida sucederam três reedições, com total de 100 mil exemplares vendidos, o que levou a ser considerado um best-seller no Brasil. Carolina Maria de Jesus fez sucesso fora do país, o que motivou a tradução dessas obras em treze idiomas, ser publicado na França, em 1962, pela Editora Stock e circulado em mais de 40 países.

Realismo e autenticidade são elementos centrais nessa narrativa de Carolina Maria de Jesus. Esse diário mostra ao (à) leitor (a) alguns cenários tristes em que a fome e a precariedade são elementos habituais hospedados na vida de Carolina, de seus filhos e dos demais moradores da favela. No entanto, tais “hóspedes” indesejados não foram empecilhos para extirpar a sua coragem de viver e desejar dias de superação, sem a fome e com melhores condições de moradia, fora da favela, como ela mesma narra: “27 de Julho. É que eu estou escrevendo um livro para vendê-lo. Viso com esse dinheiro comprar um terreno para eu sair da favela.” (JESUS, 2012, p 28).

Com uma linguagem muito simples, diversas vezes, com desvios ortográficos e linguísticos, sem que isso ofusque a importância e a maestria da autora no cenário da literatura periférica, ela se apropria de sua vida para relatar a realidade vivida pelos favelados, mulheres e homens negros no Brasil em meados do século passado. Por essa razão entendemos que Carolina Maria de Jesus – mulher, negra e pobre – lutou e resistiu em um cenário totalmente adverso e, ao narrar, comoveu o mundo com suas histórias de vida e a exposição de uma vida difícil na favela, esquecida pelos poderes públicos.

21 de Maio

Passei uma noite horrível. Sonhei que residia numa casa residível, tinha banheiro, cozinha, copa e até quarto de criada. Eu ia festejar o aniversário de minha filha vera Eunice Eu ia comprar-lhe panelinhas que há muito ela vive pedindo. Por que eu estava sem condições de comprar. Sentei na mesa para comer. A toalha era alva ao lírio. Eu comi bife, pão com manteiga batata frita e salada. Quando fui pegar outro bife despertei. Que realidade amarga! Eu residia na cidade. Estava na favela. Na lama as margens do tietê. E com 9 cruzeiro apenas. Não tenho açúcar porque ontem eu saí e os meninos comeram o pouco que eu tinha.

... Quem deve dirigir é quem tem capacidade. Quem tem dó e amizade ao povo. Quem governa o nosso país é quem tem dinheiro, quem não sabe o que é fome, dor, e a aflição do pobre. Se a maioria, revolta-se, o que pode fazer a minoria? Eu estou ao lado do pobre, que é o braço. Braço desnutrido. Precisamos livrar o paiz dos políticos açambarcadores.

Ontem eu comi aquele macarrão do lixo com receio de morrer porque em 1953 eu vendia ferro lá no Zinho. Havia um pretinho bonitinho. Ele ia vender ferro lá no Zinho. Ele era jovem e dizia que quem deve catar papel são os velhos. Um dia eu ia vender ferro quando parei na Avenida Bom Jardim. No Lixão, como é denominado o local. Os lixeiros haviam jogado carne no lixo. E ele escolhia uns pedaços: Disse-me: – Leva, Carolina. Dá pra comer.

Deu-me uns pedaços. Para não maguá-lo aceitei. Procurei convencê-lo a não comer aquela carne. Para comer os pães duros ruídos do rato. Ele disse-me que não. Que há dois dias não comia.

Acendeu o fogo e assou a carne. A fome era tanta que ele não pode deixar assar a carne. Esquentou-a e comeu. Para não presenciar aquele quadro, saí pensando :faz de conta que eu não presenciei esta cena. Isto não pode ser real num paiz fértil igual o meu.

Revoltei contra o serviço social que diz ter sido criado para reajustar os desajustados, mas não toma conhecimento da existência infausta dos marginais.

Vendi os ferros no Zinho e voltei para o quintal de São Paulo, a favela.

No outro dia encontraram o pretinho morto. Os dedos do seu pé abriram. O espaço era de vinte centímetros. Ele aumentou –se como se de borracha. Os dedos pareciam leque. Não trazia documento. Foi sepultado como Zé qualquer. Ninguém procurou saber seu nome.

... De quatro em quatro ano muda-se os políticos e não soluciona a fome, que tem a sua matriz nas favelas e as sucursales nos lares operários. (JESUS, 2012, p.40,41)

Ao analisarmos esse relato, vemos que, ao escrever sobre si, Carolina não expõe somente a sua vida particular, ela relata a difícil realidade para sobreviver na favela; expõe a vida de pobre, a insubordinação à fome e a luta pela sobrevivência de um grupo social marginalizado e esquecido na distribuição e utilização dos impostos coletados pelo poder público. Diana Klinger sobre isso declara:

[...] todo relato de experiência é, até certo ponto, expressão de uma época, uma geração, uma classe. Não é possível se pensar em um eu solitário, fora de uma urdidura de interlocução: “eu não me separo valorativamente do mundo dos outros, senão que me percebo dentro de uma coletividade, uma família, uma nação, a humanidade cultural.” No entanto, cada narrativa de si se posiciona de diferente maneira segundo a ênfase que coloque na exaltação de si mesmo, na auto-indagação, ou na restauração da memória coletiva. (KLINGER, 2007, p.22)

Em outras palavras, Carolina assume também, por meio da escrita de si, a formação de um discurso em que se apresenta uma personificação coletiva daqueles que vivem à margem nas favelas brasileiras do século XX, sobretudo escrevendo sobre si. M. Foucault afirma sobre a formação do discurso:

[...] não desempenha, pois, o papel de uma figura que pára no tempo e o congela por décadas ou séculos: ela determina uma regularidade própria de processos temporais; coloca o princípio de articulação entre uma série de acontecimentos discursivos e outras séries de acontecimentos, transformações, mutações e processos. Não se trata de uma forma intemporal, mas de um esquema de correspondência entre diversas séries temporais. (FOUCAULT, 2007, p. 83)

Nesse sentido, o discurso de Carolina é intrinsecamente embasado em uma realidade não somente dela, que ela aprendeu a enxergar também coletivamente. Seu discurso, portanto, é individualizado sobre a própria realidade e carrega historicamente a relação com a visão de outros indivíduos. Assim, o discurso de Carolina não é só o registro de si mesma e de sua realidade, mas a escrita de si é a própria autora-narradora inserida em sua realidade, com seus valores, ideais, vivências, convicções e pensamentos. Nessa perspectiva, segundo Foucault,

O papel da escrita é constituir, com tudo o que a leitura constituiu, um ‘corpo’. E é preciso compreender esse corpo não como um corpo de doutrina, mas sim – segundo a metáfora da digestão, tão frequentemente evocada - como o próprio corpo daquele que, transcrevendo suas leituras, delas se apropriou e fez sua a verdade delas: a escrita transforma a coisa vista ou ouvida em forças e em sangue. (2006, p. 152)

A escrita de si – tanto em Carolina Maria de Jesus (1960) quanto em Cristiane Sobral (2010) –, portanto, constitui uma estratégia social de denúncia e resistência. Por consequência, esse discurso perpassa a geração de Carolina e se aplica às duras realidades nos anos seguintes e, de certa forma, na atualidade. Por exemplo, ser mulher negra e mãe solteira, como já vimos, já era uma tarefa difícil perante o pensamento social à época. Ser mulher negra e mãe solteira e ainda precisar lutar diariamente contra a fome, em um local de poucas oportunidades e repleto de riscos, era ainda mais complexo.

Como já discutimos anteriormente, segundo Bassaneze (1997), apud Santos (2011, p.39), nesse relato Carolina expõe a vertente de pensamento e comportamento que concebe a mulher, ideologicamente, como o “Sexo Frágil”, submissa e serviçal. À mulher, sobretudo à mulher negra e favelada ainda são negados direitos e participações sociais, como por exemplo, no âmbito político e religioso, cabendo-lhe, tão somente, os afazeres domésticos e laborais que lhe são propícios, discurso disseminado socialmente de forma ideológica, com a finalidade de submeter a mulher à dominação. Carneiro se opõe a essa formação discursiva:

Em geral, a unidade na luta das mulheres em nossas sociedades não depende apenas da nossa capacidade de superar as desigualdades geradas pela histórica hegemonia masculina, mas exige, também, a superação de ideologias complementares desse sistema de opressão, como é o caso do racismo. (CARNEIRO, 2014)

Assim entendemos que a escrita de si, feminina e negra, tanto em Carolina quanto em Cristiane, para além de ser mais uma ideia sexista e feminista, é uma forma de resistência e luta diária, não só pela desconstrução histórica de ideias racistas camufladas e inerentes à cultura brasileira, mas pela quebra de paradigmas que oprimem e continuam segregando os (as) negros (as).

Nessa perspectiva, a luta das mulheres negras contra a opressão de gênero e de raça vem desenhando novos contornos para a ação política feminista e anti-racista, enriquecendo tanto a discussão da questão racial, como a questão de gênero na sociedade brasileira. [...] Esse novo olhar feminista e anti-racista, ao integrar em si tanto as tradições de luta do movimento negro como a tradição de luta do movimento de mulheres, afirma essa nova identidade política decorrente da condição específica do ser mulher negra. (CARNEIRO, 2014)

Diferente de Cristiane Sobral (2010) que escreve intencionalmente nesse sentido, Carolina Maria de Jesus (1960) não deixa claro se compreendia que seus escritos fizessem parte de uma categoria da literatura que luta e resiste em prol dos direitos das mulheres negras.

Ainda assim, o seu aporte é inquestionável pela capacidade que a sua escrita de si proporcionou para mostrar a realidade social da mulher negra na sociedade brasileira, porém Carolina não queria só desabafar em seu diário. Ela trazia necessidades maiores: queria ser poeta, escritora, cantora, desejava fazer parte de outros universos, e não somente da vida doméstica. Escrever era uma de suas paixões e para isso se empenhava; não passava um dia sem escrever, relatava no seu diário o que vivia, sofria e sonhava e dormia com o livro debaixo do travesseiro.

Ainda que não estivesse intencionalmente explícito, Carolina resistia às convenções sociais e sonhava com dias diferentes para as mulheres da época e melhores condições longe de tudo que lhes afligiam. Em outras palavras, escrever, para Carolina, era uma forma de viver. Ela expressava fome de escrita, de escrever sobre si, mas também essa mesma escrita a alentava nos seus momentos adversos.

Assim, conseguimos entender que a escrita feminina na literatura é, portanto, a porta de saída de uma vida esquecida e silenciada, definida e caracterizada por autores masculinos, para um mundo esclarecido e exposto pela perspectiva da mulher em que essa atua como autora de sua própria existência e de sua história. Sobre isso, Miriam Alves afirma:

Nas várias abordagens teóricas, depoimentos, textos poéticos e ficcionais, a escrita da mulher passa a violar este silenciamento. No cenário literário da contemporaneidade brasileira, com repercussões internacionais, no plano ficcional, surge uma voz ativa por meio da qual sobressai, quase sempre, o sentimento de inconformidade com os espaços reais e literários relegados às mulheres. É num aperto de espaço definido, ou predefinido, onde está incrustada, que a mulher escreve, inscreve, re-escreve, enunciando, denunciando e, a partir da palavra, tenta romper, desbloquear, deslocar ou deslocar-se. Esta literatura é algumas vezes chamada de intimista, talvez por abrir frestas, janelas e portas, escancarando para o exterior os sons da “não fala”, profanando o confinamento do silêncio. Traz a público as experiências com perfis, contornos e timbres específicos que tomam de assalto esse território. Com esta ação, a escrita feminina institui uma reflexão a partir da experiência de um estar no mundo diferenciado, indicado pelo gênero ao grafar uma voz desejante, inquietante e que inquieta, e, assim, desloca a imagem e a autoimagem da mulher. (ALVES, 2011, p.184)

Desse modo, a voz feminina negra urge na literatura como uma forma de romper com as amarras do silenciamento. Em contrapartida, estudos sobre a representação da mulher negra na literatura brasileira já evidenciaram a submissão histórica ao padrão de beleza e ao comportamento europeizado, em que o corpo e a natureza da mulher negra são estigmatizados pela inferioridade, subjugação e atributos de papéis sociais marcados pela negatividade. Sobre isso Mirian Alves, também escritora da literatura negro-feminina³, afirma:

³ Por meio dessa literatura, na qual se compreendem identidades e culturas negras como elaborações humanas, instituídas de valores, crenças, histórias, experiências, indagações, dentre outros, acredita-se que se constroem

Já a palavra de ordem para o corpo da mulher negra seria forçosamente outra tendo em vista o aviltamento do qual foi vítima esse corpo negro que passou pela coisificação, mutilação, primeiro pela força da escravização, e depois seguido da automutilação, para aproximá-lo da estética branca alienígena à sua feição natural. Antes de tudo, é um corpo vitimado que necessita de se desvencilhar das marcas de sexualização, racialização e punição nele inscritas para redefini-lo numa ação de afirmação e autoafirmação de identidade; de formar, assim, um novo lócus de compreensão. (ALVES, 2010, p. 71)

Carolina, por ter vivido em um ambiente quase inóspito, trata não só da rotina exaustiva de quem precisa trabalhar, mas também reitera o conflito com a fome, inquilina assídua naquele ambiente e ainda acometida a diversas pessoas nessa época. A fome é, portanto, um conflito atemporal como ela mesma descreveu: “13 de maio. [...] E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual – a fome!” (JESUS, 2012, p.32). A escrita de si em Carolina Maria de Jesus e em Cristiane Sobral é uma estratégia político-social pela qual elas buscam emancipação e defesa de seus direitos, como constatamos no poema *Voz*, de Cristiane Sobral, e no relato transcrito a seguir de Carolina Maria de Jesus,

Ao escrever procuro palavras
Como quem monta um quebra-cabeças,
Num exercício de imaginação e sensibilidade
Escrever é o meu grito de liberdade
(SOBRAL, 2010, p.123)

10 de Junho

[...] Eu escrevo porque preciso mostrar aos políticos as péssimas qualidades de vocês. Eu vou contar para o repórter. [...] (JESUS, 2012, p.174)

Assim, ao reafirmarem a cultura negra e promoverem importantes ressignificações de traços identitários, as escritoras buscam, pela linguagem e palavra literária, resistências cultural e social. Apesar de Sobral pertencer à contemporaneidade e Carolina do século passado, ambas discutem problemas sociais do Brasil que ainda são trazidos ao debate após cinco décadas de luta e resistência que não foram resolvidos. Ao relatar um dia de labuta pela sobrevivência, Carolina (1960) descreve as péssimas condições de trabalho que enfrentava:

16 de agosto

[...] Antigamente era os operários que queria o comunismo. Agora, são os patrões. O custo de vida faz o operário perder a simpatia pela democracia. O saco de papeis

oportunidades de expressão de si, da negritude, de referências de africanidades, de vivências, bem como de concepções de mundo. (SANTIAGO, 2012, p.133)

estava pesado e um operário ajudou-me erguê-lo. Estes dias eu carreguei tanto papel que o meu ombro esquerdo está ferido. (2012, p.112)

No poema *Saída*, a voz poética expõe uma realidade ainda vigente, a diferença como são tratados homens e mulheres no mundo do trabalho: “Tudo bem. Você diminui o meu salário, eu fico com algumas horas livres e escrevo poemas incríveis para a minha sexta básica. Jamais sentirei fome novamente!” (2010, p.121).

Carolina não possuía uma escrita linear, escreveu sobre tudo o que lhe circundava, da mesma maneira como faz Sobral expôs problemas sociais em relatos audaciosos, críticos e legítimos, retratando a angústia e indignação com a realidade. Mesmo com as adversidades pessoais, essas autoras continuam a demonstrar a sua necessidade de escrita, o que denota a importância que a escrita desempenhou na construção delas enquanto mulheres fortes e resistentes. Percebemos a dor e a escrita, às vezes, caminhando lado a lado.

Seca

Como é que eu vou esquecer
Se em tudo me falta inspiração, até para escrever
Se essa dor não cessa de latejar
Se em toda parte o luto quer se instalar

Enxergo diante dos meus olhos os meus enfermos sonhos
Num horizonte delineado por contornos tristonhos
Por favor, me dê uma linha
Uma letra, uma silabazinha

Estou a mendigar palavras puras
Imploro por circunstâncias menos duras
Na esperança de poder recomeçar

Toda jornada começa com o primeiro passo...
(SOBRAL, 2010, p.90)

17 de maio

Levantei nervosa. Com vontade de morrer. Já que os pobres estão mal colocados, para que viver? Será que os pobres de outro país sofrem igual aos pobres do Brasil?
(JESUS, 2012, p.33)

O livro *Não vou Mais Lavar os Pratos*, de Cristiane Sobral, foi publicado em 2010, pela editora Athalaia Gráfica e Editora, em Brasília. É o primeiro livro da autora, já está na terceira edição e é composto por 123 poemas. Grande defensora da luta pela formação da identidade negra, separada dos preceitos de beleza construídos para a mulher branca, Cristiane Sobral, através de sua dicção literária, nessa obra, evidencia outras possibilidades de existência e de

resistência dos (as) negros (as), principalmente, das mulheres negras. Seus poemas desenham modos de superação da subalternidade. Nesse livro, vozes poéticas e talvez a autoral narram-se, descobrindo-se, enquanto mulheres e sujeitos de si mesmas, livres para pensar e agir. Além disso, a voz poética, radicalmente, opõe-se a tudo que ameace sua liberdade e autonomia, quando, a um só tempo, protagoniza e proclama a auto-abolição.

Não vou mais lavar os pratos

[...] Sempre chega o momento
De sacudir, de investir, de traduzir
Não lavo mais pratos
Li a assinatura da minha lei áurea escrita em negro maiúsculo
Em letras tamanho 18, espaço duplo
Aboli
Não lavo mais os pratos. [...]
(SOBRAL, 2010, p.23)

Assim, a voz enunciativa faz referência a um marco na história do Brasil, que é a abolição da escravatura, promulgada pela Lei Áurea, de 13 de maio de 1888, de modo crítico, insinuando que esse marco legal não cumprira com o seu papel de libertá-la integralmente. Necessário se faz ainda libertar-se, dentre outras, das subserviências, servidões e explorações domésticas. Essa abolição, nos versos, só é conquistada com a decisão e a resistência do próprio sujeito poético feminino.

Cristiane cria vozes poéticas que demonstram a coragem de se assumir como feminina e negra, exigindo respeito e igualdade nas relações, Em *Sonho de consumo*, a voz enunciativa rompe com os padrões estabelecidos e hegemônicos para enfatizar sua identidade.

Se você me quiser, vai ser com o cabelo trançado
Resposta na ponta da língua
Teste de HIV na mão
Se você me quiser, desligue a televisão
Leia filosofia e decore Kama Sutra
Muito bem

Se você me quiser, esteja em casa,
Retorne as ligações, e traga flores
Não venha com teorias sobre ereção
Ou centímetros a mais

Nem sempre vou querer sexo
Nem sempre vou dizer tudo, ou acender a luz
Posso usar ternos ou aventais. Qual a diferença?
As noites serão sempre intensas à luz de velas

Se você realmente me quiser, ouse digerir a contradição
Ajude-me a ser uma mulher, diante de um homem

Quem disse que seria fácil?

(SOBRAL, 2010. p. 26)

Nesses versos, o sujeito poético expõe os requisitos, por ela figurados, ao seu pretendente, sinalizando as condições necessárias para que se efetive a relação de afeto. São apresentados atributos que se distanciam de elementos históricos e culturais para que se construa outra identidade sociocultural, quiçá nova, desvincilhada dos padrões estéticos estabelecidos. Nesse sentido, a voz reivindica a solidariedade e o compromisso da figura feminina no que tange à construção de gênero.

São basilares, para entendermos os processos de construção e fragmentação da identidade, os estudos de Stuart Hall (2011), os quais apontam para a construção de outra identidade sob os escombros de identidades velhas que regiam e estabilizavam a convivência e as relações na sociedade. Essa fragmentação de velhas identidades possibilita novos vínculos e também fraciona o indivíduo contemporâneo visto, historicamente, como um ser unificado.

Hall evidencia as mudanças da identidade social dos indivíduos, provocadas por transformações estruturais da sociedade, que desestabilizam padrões e criam novos que, por consequência, propiciam transformações nas novas estruturas, tornando-as obsoletas e recriando-as. Nessa perspectiva, vemos a identidade da voz feminina negra, no poema, como resultado de processos de reinvenções de si, pautados em exercícios de resistências, apoiados por lutas feministas e de gênero. A voz poética exprime seu desejo de liberdade e desconstrói possíveis estereótipos forjados pelo machismo e preconceito, transitando da subalternidade para o caminho da autonomia.

A autora-narradora Carolina Maria de Jesus, igualmente, utiliza a palavra literária para contar alguns momentos de sua vida em que a cor de sua pele foi impedimento para o reconhecimento de peças teatrais de sua autoria e, concomitantemente, afirmação da identidade negra, ascendência e fenótipos africanos.

16 de Junho

... Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondia-me:
- É pena você ser preta.

Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rustico. Eu até acho o cabelo de negro mais inducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta. (JESUS, 2012. p.65)

Nesse relato, a voz da autora-narradora se auto-afirma mediante as situações de preconceito engendradas pelo sexismo e racismo. Enquanto escrita de si, Carolina é porta-voz

da situação racial que mulheres negras enfrentam socialmente por meio de preconceito e estereótipos do ideal de beleza. Sobral (2010) também escreve para a reafirmação da identidade negra nos seguintes modelos,

Pixaim, elétrico

Naquele dia
Meu pixaim elétrico gritava alto
Provocava sem alisar ninguém
Meu cabelo estava cheio de si

Naquele dia
preparei a carapinha para enfrentar
a monotonia da paisagem da estrada
Soltei os grampos e segui
de cara pro vento, bem desaforada...
Sem esconder volumes nem negar raízes

Pura filosofia
Meu cabelo escuro, crespo, alto e grave
Quase um caso de polícia
em meio à pasmaceira da cidade
Incomodou identidades e pariu novas cabeças

Abaixo a demagogia
Soltei as amarras e recusei qualquer relaxante
Assumi as minhas raízes
ainda que brincasse com alguns matizes
Confrontando o meu pixaim elétrico
com as cores pálidas do dia.
(SOBRAL, 2010, p 81)

Pixaim Elétrico é um relato de experiência pela qual muitas mulheres negras estão subordinadas, para que se enquadrem aos padrões estabelecidos. Nesse poema, os versos demonstram resistência a esses padrões e fortalecem a identidade e a resistência perante tais imposições estéticas implícitas. As mulheres que resistem aos preconceitos e às dificuldades e permanecem coerentes em sua dignidade e propósitos de superação, servem de espelho para que Cristiane se reconhecesse enquanto mulher negra. Em *Nzingas Guerreiras*, a voz poética se auto-apresenta reconhecendo a importância de outras mulheres em sua vida. Com elas, aprendeu a viver e a resistir cotidianamente e, mais ainda, aprendeu a se reinventar e afirmar sua identidade negra feminina.

As mulheres que conheci foram guerreiras
Nunca deixaram de madrugar nas segundas-feiras
Enfrentaram inúmeros desafios com alegria
Graças a Deus aprendi com essas mulheres
Graças a Deus cresci com tantas mulheres
De longe e de perto

Encontrei mulheres rumo ao sucesso
 Algumas souberam encontrar o caminho certo
 Muitas enxergaram os tropeços da estrada bem perto
 Sempre admirei suas glórias após o fracasso

Mulheres corajosas diante da cruel chibata da realidade
 Que souberam dar a volta por cima
 Olhar para trás e seguir adiante
 Mulheres que reinventaram o poder de decisão
 Sei que existem muitas mulheres perdidas
 Sei que muitas estão escondidas
 Mas é chegada a hora da revolução
 Vamos movimentar nossos quadris rumo a um futuro certo
 Femininas e prontas para a reconstrução
 Seguras cheias de paz
 Capazes de enfrentar novos desafios
 Sábias, fortes, infinitas
 Mulheres bonitas e mulheres bondade
 Solidárias na decepção
 Evoé!
 Guerreiras como Nzinga
 Rainha digna de Exaltação
 (SOBRAL, 2010, p 34)

Assim, vemos que em *Nzingas Guerreiras*, o eu lírico reforça a visão de mulheres corajosas diante de uma realidade cruel pautada na fome, violência, discriminação e preconceito e que superaram as adversidades e seguiram resistindo e avançando cada vez mais numa trajetória em que puderam reinventar o poder da decisão e a valorização que o sujeito feminino delibera sobre a própria vida, rompendo com as imposições sociais e se distanciando da subalternidade.

Carolina Maria de Jesus também aprendeu a resistir e a recomeçar com o seu cotidiano marcado pela fome: “14 de Junho. Já que a barriga não fica vazia, tentei viver com ar. Comecei desmaiar. Então eu resolvi trabalhar porque eu não quero desistir da vida.” (JESUS, 2012, p.62)

As vozes de Cristiane Sobral e Carolina Maria de Jesus recriam modos de sobrevivência e (re)existência, encontrando no trabalho, na autonomia e na luta diária os motivos para promover a vida e romper com os limites da pobreza, do racismo e sexismo.

Em *Ainda não somos livres*, um eu negro enunciador retrata a dura realidade em que os (as) negros (as), na maioria, pobres e favelados, enfrentam para sobreviver. Através do discurso direto, é sinalizada a permanência da escravidão diante das condições de vida das populações negras ainda na contemporaneidade. Nos versos, a liberdade ainda é uma utopia a ser conquistada pelos (as) negros (as) brasileiros (as).

Ainda?

Ainda não somos livres.

Ainda não somos livres.
 Depois de tanto tempo
 Mamã é escrava da casa grande num bairro de luxo
 Papai é escravo da cachaça no boteco da esquina
 Meu irmão mais velho é motorista de bacana

Ainda não somos livres.
 Ainda não somos livres.
 Depois de tanto tempo
 Eu ganhei uma bolsa de estudos meio a lei do ventre livre
 A patroa da minha mãe é quem paga
 Sempre li as entrelinhas de todos os livros que encontrei

Ainda não somos escravos
 Nunca fomos escravos
 Muito menos imigrantes

Ainda não somos livres
 O capitão do mato espreita no carro preto com sirene estridente
 Se começar a operação pente fino não escapo.
 Ainda há um barco que transporta a negrada todos os dias ...
 É ônibus lotado cravejado de assaltos e balas perdidas

Ainda não somos livres
 Favela é senzala
 Depois de tanto tempo
 (SOBRAL, 2010, p.80)

Neste poema, Sobral, ao mesmo tempo de forma angustiante, é audaciosa em relatar um preconceito velado até os nossos dias. Não é um relato do passado, mas sim uma denúncia explícita, irônica e ferina às condições indignantes que o negro e a negra enfrentam na sociedade brasileira, tratados na subalternidade e na marginalidade econômica, social e cultural.

Carolina Maria de Jesus também em seus relatos aponta a subalternidade que ainda impera e acomete os (as) negros (as) que vivem em periferias, favelas e à margem de grandes centros urbanos. Em *Quarto de Despejo*, a autora-narradora afirma que as condições de vida dos (as) negros (as) são semelhantes às que os (as) antepassados (as) viveram na escravidão institucionalizada do Brasil, antes do 13 de maio de 1888.

07 de Junho

Nós somos pobres, viemos para as margens do rio. As margens do rio são os lugares do lixo e dos marginais. Gente da favela é considerado marginais. Não mais se vê os corvos voando as margens do rio, perto dos lixos. Os homens desempregados substituíram os corvos. (JESUS, 2012, p. 55)

Carolina, referindo-se à pessoa da favela, indiretamente, caracteriza uma população quase totalmente negra que reside nas favelas brasileiras desde que fora “liberta” (abandonada) pela Lei Áurea. Nestas condições, o trabalho pela subsistência e sobrevivência da população

negra em nosso país, à margem da sociedade, ainda é um desafio a ser superado na luta por igualdade. Lembremos, então, que essa luta e resistência contra o preconceito é uma questão histórica, de quase meio milênio de escravidão. Segundo Anelita Silva,

[...] durante séculos a existência da escravidão incutiu na cabeça dos brasileiros livres que aqueles seres humanos de outra cor eram simples instrumentos de trabalho comparável a um animal de carga que, quando envelhecia ou desgastava, deveria ser substituído e quando não trabalhava a contento, deveria ser “estimulado” com o chicote. Nascendo assim, na sociedade brasileira, a exclusão do negro que entra como cultura dominada e esmagada. (SILVA, 2005, p.02)

Carolina compara, metaforicamente, a vida de cada indivíduo com um livro. Para ela, cada pessoa é autora do seu próprio livro, que é a vida, para ela, devendo o final ser imprevisível. Essa metáfora é, ao mesmo tempo, uma crítica social, na qual a autora-narradora entende sua realidade como um desafio de construção diária, sobretudo porque a luta para se desvencilhar das amarras sociais que o preconceito racial, da misoginia e dos privilégios de classe imprimem e dificultam a ascensão do (a) negro (a). “O que se verifica é que há uma dificuldade de inserção do negro e sua ascensão em áreas do mercado de trabalho de maior status social. Logo, há racismo na sociedade brasileira. E a primeira condição para se lutar contra ele é assumi-lo”, assegura Silva (2005, p.04).

A autora-narradora compara a sua vida com a cor de sua pele, denotando a dificuldade e os desafios para sentir-se e fazer-se mulher e negra em um mundo segregacionista e desleal com e nas diferenças.

28 de Maio

A vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra. E nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como a nossa vida decorreu. A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde eu moro. (JESUS, 2012, p. 168)

A crítica social, presente nos relatos de Carolina Maria de Jesus, em *Quarto do despejo* (1960), aponta que, em suas narrativas de si, as contingências e vicissitudes de ser mulher, negra e favelada se entrecruzam. Ao mesmo tempo em que se fez necessário lutar contra a fome, era preciso lutar contra as formas de exclusão e resistir ao sistema de manutenção das desigualdades. É, portanto, por meio da leitura e da escrita, que Carolina encontrara uma forma de resistir.

Assim, a literatura periférica é apresentada como testemunha, levando à reflexão das vivências das duas autoras enquanto mulheres negras. Evidencia-se aí a narrativa de grupos

historicamente silenciados, como se denota no poema *Fratricídio*, de Cristiane Sobral, em que a voz poética ressalta a responsabilidade social pelo passado sofrido de afro-brasileiros (as).

Corrupção preta dói demais
Chibatada dentro da senzala fere infinitamente.
Até tu, Zumbi?
Espera aí, Feitor!
“Pouca tinta”, eu?

Separe todos os matizes da negritude brasileira
Desintegre todas as identidades
Ficaremos com um nada aguado.
O mestiço não é nem o sim nem o não, é o talvez.
Mentira!
Pergunte ao porteiro do prédio
Interrogue o policial
Eles não terão dúvida em apontar a consistência da minha melanina.

Sou negra
Meus dentes brancos trituram qualquer privilégio retinto
Meu sangue negro corrói a hipocrisia parda
Mela o mito da democracia racial
Corre maratonas libertárias negrófilas
Rasga as entranhas e reluz.
Das cinzas à fênix.

No fundo do olho há uma verdade viva,
Muito além da cor.
(SOBRAL, 2010, p.72)

No poema, está evidentemente exposta a indignação com o preconceito pela cor da pele, ao mesmo tempo em que a voz enunciativa e talvez autoral se reafirma, enquanto pessoa, por trás da melanina na pele. Neste sentido, as obras de Carolina Maria de Jesus e de Cristiane Sobral, aqui estudadas, são ímpares, haja vista que contribuem para denunciar uma realidade marcada por um passado escravocrata e suas consequências como verificamos em *Carma* de Sobral.

Esse menino?
Vendia chiclete e bala
Vendia a alma

O pai do miúdo?
Comprava o diabo numa garrafa de pinga
Derramava desgraça na vida do garoto
Aconselhava o moleque com surras cheias de falta de respeito

O avô do rapaz também vendia bala
Bala de revólver.....
Um dia deu um pirulito e sumiu no mundo
Enquanto a avó chupava fome

E o guri?

Aprende a beber, a roubar, a matar, e cresceu bandido...

Até morrer num natal qualquer sem nunca ter visto árvore

Morreu indigente
Nunca recebeu um presente
Nem conheceu vida pior que a sua
(SOBRAL, 2010, p.62)

Neste poema, o sujeito poético, ao tratar sobre a miséria, provoca o (a) leitor (a) sobre a miséria coletiva entre as populações menos favorecidas e marginalizadas, sobre uma realidade chocante e atávica em que a exclusão social e a falta de oportunidades, atreladas à pobreza e à vulnerabilidade social, muitas vezes, podem ser desencadeadoras de violência urbana. Comparando bem, o menino do poema é o retrato daquele divulgado pelas estatísticas: com família de baixa renda e que precisa trabalhar desde muito cedo para ajudar no sustento, muitas vezes, em trabalhos informais e com baixa escolaridade, adentrando ainda mais nos mundos excludentes.

Nesse retrato, estabelecido pela voz poética, a falta de estrutura familiar, de um projeto de vida, a falta de políticas públicas que combatam as desigualdades empurram, cada vez mais, as crianças e adolescentes para fora do âmbito infantil para dar lugar ao universo sombrio da criminalidade. Nesse sentido, o que se chama de carma é a situação em que a população brasileira constrói-se, onde cada ação, positiva ou negativa, gera uma reação de igual teor. A crítica de ambas autoras à sociedade burguesa não se limita às denúncias referentes aos típicos representantes da classe dos abastados, mas envolve também críticas àqueles (as) que integram a classe trabalhadora e periférica.

Carolina, enquanto autora-narradora, descreve a rotina até mesmo do seu convívio íntimo com os seus ex-maridos, amores e até com a sua vizinhança. Ela desafia as limitações de sua classe e utiliza-se da literatura e escrita como estratégias para tecer críticas sobre o poder exercido pelos governantes do seu tempo, principalmente os de São Paulo e também para se empoderar. Sobral trata sobre os grupos sociais marginalizados nos dias de hoje, da desumanização perversa nas relações sociais e de poder, buscando novas formas de resistir. Nesse sentido, a literatura é um exercício de poder pela palavra, como se denota em *Cuidado*, de Cristiane Sobral.

Eu vou falar do nosso cabelo
Eu vou falar de tudo que fazem tentando o sucesso
Eu vou falar porque isso acaba com a gente

Primeiro aparecem uns pentes frágeis
Impossíveis às nossas madeixas

Depois apontam para um padrão que nunca poderemos ter
Ficamos condenados à indiferença e à exclusão

De repente
Sonhamos com toalhas amarradas na cabeça oca
Num passe de mágica
Aceitamos o codinome pixaim e o sobrenome bombril

Começamos a moldar o caráter
A amolecer diante das decisões
Infelizmente esquecemos que só podemos ser o que somos

Passamos a vida inteira tentando atingir uma clareza
Que nunca poderemos ter.
Nem precisamos

A negritude é um quarto escuro com bicho-papão e mula-sem-cabeça
É um quarto mítico onde ninguém quer entrar

Eu vou falar do que fazem com nosso cabelo
Eu vou falar tudo o que fazem tentando o sucesso
Eu vou falar, porque isso acaba com a gente

Primeiro dizem que todos somos iguais
Que somos todos filhos de Deus
Rapidamente é diagnosticada a paranoia
Começamos a achar que o problema está na nossa cabeça preta

Nunca no olhar do outro
Nunca no deboche do outro
Nunca no sorriso do outro

Alguns conseguem ir mais longe
Mas isso tem um preço...

Precisam ficar sozinhos
Precisam ficar clarinhos
Precisam usar apliques

Eu vou falar do que fazem com nosso cabelo
Eu vou falar tudo o que fazem tentando o sucesso
Eu vou falar porque isso acaba com a gente
Deu branco!

Alguém me empresta uma identidade aprovada no teste da boa aparência?
(SOBRAL, 2010, p.74-75)

Este é um dos muitos poemas de Cristiane Sobral que tem como tema os cabelos crespos. A incessante menção aos cabelos crespos remete a outra constância na vida dos negros (as) em diversas camadas sociais: a discriminação por racismo, o que muitas vezes faz com que se perceba como natural o estereótipo de beleza em que cabelos devem ser alisados, vulgo “cabelo bom”, não por vontade, mas por aceitação social. Isso porque esse tipo de discriminação propicia ao (à) negro (a) uma falsa ideia de aceitação e uma rejeição da própria identidade inserida no perverso discurso de democracia racial.

O poema acima é um dos muitos da autora que elencam o enfrentamento de mulheres negras para se desfazer de padrões eurocêntricos e estabelecer seus próprios parâmetros de beleza. O texto nos chama a atenção para o episódio de que o negro (a) não deve se esquecer de quem de fato são, para que entendamos que o problema está nos olhos do outro, e não tão somente entre negros (as), como comumente, se atribui. (SOBRAL, 2010, p.74).

A linguagem poética, desse modo, pode ser considerada uma formação discursiva intermediadora entre as estruturas sociais e as ações individuais do (a) autor (a) e do (a) leitor (a). Costa nos assegura que “[...] A literatura não é reflexo, mas sim uma representação da sociedade, assim, desta maneira, pode ser vista como uma difusora de visões de mundo. Por conseguinte exerce uma relação dialética com o mundo social.” (COSTA, 2015, p.02).

A literatura negro-brasileira⁴, neste ínterim, apresenta escritores (as) que buscam, pela palavra literária, dentre outros aspectos, a valorização de elementos culturais e contestações de padrões estéticos, promovendo a exaltação à estética negra. No poema abaixo, a voz poética de Cristiane questiona a aceitação do ser negro (a) da sociedade e usa da “visão” de alguém (segunda pessoa), a qual é construída por preconceitos e estereótipos. A autora reafirma (em primeira pessoa) sua cor e seus traços culturais (cabelos) como isentos de culpa, ou seja, naturais e dentro dos padrões para sua cultura.

Lente de contato

Será que você pode olhar no fundo dos meus olhos?
Será que você pode acreditar na sua visão?
Esquece o que o seu pai disse!
Vê se muda essa situação

Sou negra
Estou aqui diante dos seus olhos
Esperando você despir o seu preconceito,
Pra gente encontrar um jeito de ser feliz

Ah, o meu cabelo natural, isento de culpa,
Vai bem obrigada

Que bom você ter sido espetado pela consciência
Que bom você ter sido cutucado pela consistência
Será que dá pra você tirar essa lente distorcida
Que tanto atrapalha o nosso contato?

⁴ Para o estudioso e escritor Luis Cuti: “A literatura negro-brasileira nasce na e da população negra que se formou fora da África, e de sua experiência no Brasil. A singularidade é negra e, ao mesmo tempo, brasileira, pois a palavra “negro” aponta para um processo de luta participativa nos destinos da nação e não se presta ao reducionismo contribucionista a uma pretensa brancura que a englobaria como um todo a receber, daqui e dali, elementos negros e indígenas para se fortalecer. Por se tratar de participação na vida nacional, o realce a essa vertente literária deve estar referenciado à sua gênese social ativa. O que há de manifestação reivindicatória apoia-se na palavra “negra”. (CUTI, 2010, p. 44-45)

(SOBRAL, 2010, p.71)

A crescente literatura de resistência, felizmente, construída, sobretudo, por autoras negras, trilha, por caminhos de reversão da representação negativa e propicia um novo olhar através da linguagem literária, sobre identidades femininas negras e as populações negras. Como é o caso do poema de Cristiane Sobral que dá nome ao seu livro; Não vou mais lavar os pratos, em que o eu-lírico recorre à leitura, ou seja, à apreensão de conhecimento, cultura e liberdade crítica de pensamento, para se libertar dos modelos impostos pela sociedade, sobretudo do preconceito velado. Não obstante, em seu poema *Refazendo a cabeça*, Cristiane Sobral fala dessa liberdade, porém pelo fortalecimento da identidade e da cultura estética do negro (a),

A negra segura a cabeça com a mão e chora
 Chora, sentindo a falta dos seus universos crespos
 Assassinados
 Pelas escovas progressivas
 Digo, escolhas regressivas.
 Após o pesadelo,
 A negra raspa qualquer vestígio de lisura
 E encontra consolo no futuro das suas raízes
 (SOBRAL, 2010, p.114)

De modo semelhante, em *Quarto de despejo*, a voz autoral e narradora denuncia atitudes racistas e segregacionistas que enfrentou, ao registrá-las em seus diários, reafirmando a condição de vida dos (as) favelados (as). Em outras palavras, o protagonismo feminino negro na literatura por meio da escrita de si é um tijolo importantíssimo na construção de uma consciência coletiva sobre o valor e a igualdade de direitos da pessoa negra, com ênfase para mulher negra, rompendo os grilhões da história, dos livros didáticos e da educação formal que escondem a participação efetiva do homem e da mulher negra na edificação do país.

A escrita de si em Carolina de Jesus e Cristiane Sobral colabora não só com a propagação de identidades negro-femininas, mas também contribui para afirmar a imagem de mulheres negras mais próxima do real: trabalhadora, estudiosa, persistente e resistente, capaz de sonhar e alcançar seus objetivos, dentre outros, sem falsetes ideológicos e sexistas.

As narrativas de si de Carolina Maria de Jesus evidenciam a sua luta pela sua sobrevivência e de seus (suas) filhos (as) e os seus enfrentamentos para superação da miséria e da fome, reconhecidas por ela como “escravatura atual”. De um modo bem peculiar, as obras em destaque, neste estudo, abordam temas de reversão da submissão da mulher negra. Elas

demonstram como Carolina Maria de Jesus e Cristiane Sobral são referências no processo de resistência e auto-afirmação.

Sobral, de modo particular, destaca a sua liberdade de expressar-se e ser o que quiser sem estereótipos e sem submissão às vontades dos outros nem aos padrões sociais exigidos pela sociedade. Por meio da escrita de si, em Sobral (2010), a mulher negra pode resistir à subalternidade, aos preconceitos e às barreiras socioculturais que as impedem de construir suas identidades. Portanto, a mulher negra narrada na escrita de Carolina Maria de Jesus (1960) e de Cristiane Sobral (2010) busca romper com estereótipos e afirmar identidades como considera Silva: “A estética afro-feminina, dessa maneira, põe-se em um lugar de criação de uma textualidade em interação com histórias, desejos, resistências e insurgências, com memórias pessoais e coletivas e identidades negras e de gênero.” (SILVA, 2010, p. 179).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este é um trabalho de conclusão de curso que evidencia relevantes estudos e discussões acerca da recorrência de jogos de resistência em textos literários de escritoras negras com práticas discursivas de enfrentamento e questionamento das desigualdades de gênero e étnicos raciais. Assim sendo, o estudo sobre as obras *Não vou mais lavar os pratos* (SOBRAL, 2010) e *Quarto de despejo: Diário de uma favelada* (JESUS, 1960) nos permitem perceber uma declaração de emancipação e resistência aos estereótipos ideológicos de cor e gênero, como também a quebra do silenciamento da voz poética de autoras negras.

Cabe ressaltar que a luta pelo protagonismo da (o) negra (o) na literatura brasileira é ainda um caminho a ser muito percorrido. Todavia, mulheres como Cristiane Sobral e Carolina Maria de Jesus demonstram nas obras, aqui apresentadas e estudadas, a capacidade de se fazer literatura e protagonizar a (o) negra (o) em todos os seus aspectos: cultural, social, estético e físico sem que se perca de vista o estilo literário e a relevância histórico-social que as suas vozes poéticas e escrita de si ajudam a construir e denunciar na sociedade brasileira.

Nesse sentido, o estudo das obras, aqui analisadas, é também importante por nos mostrar que mulheres negras estão cada vez mais avançando no caminho da produção e construção literária brasileira. Ainda que enfrentem barreiras no mercado editorial brasileiro, as autoras negras vêm apresentando ao mundo a sua cultura, sua crença, seus ideais, sua beleza, denunciando preconceitos e semeando igualdades. Assim como Carolina (1960) e Cristiane (2010), outras autoras negras brasileiras buscaram escrever abordando temas recorrentes em suas vidas pessoal e social, dentre os quais a fome e a desigualdade social, o preconceito racial e de gênero, denúncia do machismo, a exclusão da parcela negra da população nas periferias sociais e culturais da sociedade.

A partir dessas formas de escrita há o fortalecimento de outros “eu poéticos e narrativos” e de identidades e ancestralidades de vozes autoras-narradoras e poéticas. Essas autoras, ao se apropriarem da escrita de si, não são somente mulheres negras escrevendo sobre elas, mas são mulheres negras que refletem a vida de outras tantas de qualquer esfera social nesse país, e que são vítimas das mesmas mazelas sociais em seu cotidiano.

Quarto de Despejo: Diário de uma favelada é um aporte de esperança para aquelas (es) que não desistem de seus sonhos. Carolina Maria de Jesus, tão envolta em problemas, sobretudo o da miséria e do esquecimento social na favela, foi insubmissa a tudo isso, não se silenciou, ao contrário, denunciou e acreditou no que escrevia, e que seus escritos chegassem ao mundo. *Não vou mais lavar os pratos* é o próprio grito de mulheres com sede de liberdade, para serem

livres em tudo: no amor, no trabalho, nas paixões, nas escolhas, na vida, sobretudo, na sua identidade racial e raiz cultural. Ambas as obras denotam a voz de mulheres que não querem silêncio, não querem ser subalternas de estereótipos e nem de forças opressoras. É a voz de mulheres que desejam construir a si mesmas e um mundo sem amarras sociais nem estereótipos culturais.

O estudo dessas obras colabora no entendimento das imposições de padrões e imagens do “belo” e do “correto” numa sociedade construída com discriminação racial e de gênero, nos direcionando para a compreensão de que não há somente uma história sobre tantos diferentes povos, culturas e lugares, pois as vozes poéticas e narradoras dessas duas obras denotam o sentimento de inclusão, justiça social, identidade, luta por direitos, por reconhecimento de igualdade e respeito às diferenças. São vozes de resistência e estratégias sociais para enfrentar e continuar a viver e lutar.

Desse modo, Carolina Maria de Jesus e Cristiane Sobral utilizaram-se da literatura como forma de resistência e enfrentamento. A partir dos textos literários e práticas discursivas, como construção de depoimentos e poemas, as autoras quebram o silêncio e indicam o esquecimento de uma parcela da população; as mulheres negras, em uma sociedade patriarcal e machista, recheada de preconceitos e discriminações, os quais tentaram, sobretudo, subalternizar Carolina.

Ainda que escritos em diferentes séculos, os livros apontam estas semelhanças quanto ao discurso de resistência e lutas sociais. *Quarto de despejo: o diário de uma favelada* (1960), no entanto, mesmo escrito há mais de meio século, transcreve na realidade a vida de muitos favelados, vítimas dos mesmos problemas que ela enfrentou e também a realidade de mulheres que ainda sofrem com machismo e o racismo nos dias de hoje, época em que *Não vou mais lavar os pratos* (2010) denuncia e fortalece a luta feminina pelo fim desses “defeitos” sociais.

O estudo de ambas as obras não se finda com este trabalho; pelo contrário, essa monografia apenas se apresenta como mais uma das diversas possibilidades de estudos que já foram realizados e que ainda podem ser discutidos a partir destas obras. Os temas tratados em ambas se harmonizam e nos sinalizam uma infinidade de possibilidades de novos estudos. Todavia, aliar as duas autoras numa discussão a respeito das vozes poéticas como estratégias de resistência e luta social por igualdade de gênero e fortalecimento da identidade racial é o que nos propomos como possibilidade.

Este trabalho não ajuda apenas a conhecer as obras, mas busca discutir e identificar o papel da mulher negra na literatura, quais as suas vozes, o que escrevem, o que denunciam, o que vivem e, principalmente, como resistem. Podemos concluir que *Não vou mais lavar os*

pratos (SOBRAL, 2010) e *Quarto de despejo: Diário de uma favelada* (JESUS, 1960) servirão de inspiração e incentivo para outras autoras negras. O percurso e trajetória de cada mulher negra são marcados por problemas atemporais que existiram antes de Carolina Maria de Jesus e existirão ainda após Cristiane Sobral, mas que não devem ser encarados nem tratados como normais e nem dentro da naturalidade, pois é assim que as vozes poéticas de Carolina e Cristiane ensinam com o não silenciamento.

Por tudo isso, concluímos que *Não vou mais lavar os pratos* (SOBRAL, 2010) e *Quarto de despejo: Diário de uma favelada* (JESUS, 1960) são obras que devem estar disponíveis em todas as bibliotecas públicas escolares. Os temas abordados pelos livros devem ser discutidos na escola para que seja possível enxergar a realidade de muitas mulheres negras em nosso país. Essa possibilidade não só encorajará outras (os) autoras (es) a continuarem com seus trabalhos, mas possibilitará uma educação em que o sujeito da educação – os estudantes –, tenha conhecimento crítico e ativo sobre a realidade social e cultural do Brasil e, o principal, conheça a produção literária dessas escritoras.

REFERÊNCIAS

ALVES, Miriam. **A Literatura Negra Feminina no Brasil** – pensando a existência. Revista da ABPN. v. 1, n. 3 – nov. 2010 – fev. 2011.

_____. **BrasilAfro autorrevelado: literatura brasileira contemporânea**. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

_____. **Cadernos Negros (número 1): estado de alerta no fogo cruzado**. In: SILVA, Ana Rita Santiago da. A literatura de escritoras negras: uma voz (des) silenciadora e emancipatória. Interdisciplinar. Ano 5, v. 10, jan-jun de 2010. Acessado em: http://200.17.141.110/periodicos/interdisciplinar/revistas/ARQ_INTER_11/INTER_11_15.pdf. Disponível em 19 de março de 2014.

ARAÚJO, Flávia Santos de. **Uma escrita em dupla face: a mulher negra em *Ponciá Vicêncio***, de Conceição Evaristo. João Pessoa, 2007. Disponível em <http://www.cchla.ufpb.br/ppgl/images/Flavia.pdf>. Acesso em 10 de outubro de 2014.

ARAÚJO, Pedro Galas. **Trato desfeito: o revés autobiográfico na literatura contemporânea brasileira**. Dissertação de metrado. UnB, 2011. Disponível em http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/9975/1/2011_PedroGalasAraujo.pdf. Acesso em 15 de janeiro de 2015.

AULER, Isabel Cristina Fernandes. **Autobiografia**. A promessa de um passado presente na linguagem. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. **Carolina Maria de Jesus: Literatura e profecia na favela**. Terça-Feira, 09 de junho de 2009. Disponível em <http://assessoria.vrc.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inford=20741&sid=89>. Acesso em 02 de janeiro de 2015.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

_____. **Enegrecer o feminismo: A situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero**. (2014) Disponível em: http://www.unicap.br/neabi/?page_id=137. Acesso em: 01 de julho de 2016

CORDEIRO, Hildalia Fernandes Cunha. **Escrita afro-feminina: por outras vozes-narrativas: vozes que ecoam resistências e insurgências**. Salvador, Uneb, 2012. Disponível em: http://www.siala.uneb.br/pdfs/2012/hildalia_fernandes_cunha_cordeiro.pdf Acesso em 16 de Janeiro de 2015.

COSTA, Juliana Cristina. **Cristiane Sobral: a poesia como dialética do imaginário sociocultural**. 2015. Disponível em: http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2016_1491433381.pdf. Acesso em 17 de setembro de 2017.

CUTI, Luiz Silva. **A consciência do impacto nas obras de Cruz e Sousa e Lima Barreto.** Belo Horizonte, Autêntica, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A Escrita de Si** – Fevereiro de 1983. In: *Ética, sexualidade, política. Organização e seleção de textos* MOTTA, Manoel Barros da; tradução Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. 2ªEd. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. **Arqueologia do Saber.** Traduzido por Luiz Felipe Baeta Neves. ed. 7. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11ª Ed. Rio de Janeiro, DP&A, 2011.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo.** São Paulo, Editora Ática, 2012.

KLINGER, Diana Irene (Org). **Escritas de si, escritas do outro:** o retorno do autor e a virada etnográfica. Rio de Janeiro, 7Letras, 2007.

LIMA, Elizabete Barros de Sousa. **Identidades em conflito: uma leitura das peças de Cristiane Sobral.** Monografia. Brasília, Unb, 2013. Disponível em: http://bdm.unb.br/bitstream/10483/5823/1/2013_ElizabeteBarrosdeSousaLima.pdf. Acesso em 15 de janeiro de 2015.

LOPES, Elisângela. **Denúncia e reflexão no Quarto de despejo.** LITERAFRO, disponível em <http://www.letras.ufmg.br/literafro/data1/autores/40/carolinacritica01.pdf>. Acesso em 20 de março de 2014.

OLIVEIRA, Luciana Santos de e OLIVEIRA, Luciano Amaral. **O silenciamento literário das mulheres brasileiras.** Ano 5, v. 10, jan-jun de 2010 – ISSN 1980-8879 | p. 145-156

OLMI, Alba. **Memória e memórias:** dimensões e perspectivas da literatura memorialística. Santa Cruz do Sul. EDUNISC, 2006.

PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani. **Escritos à margem:** a presença de autores de periferia na cena literária brasileira. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, silêncio:** *In* Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989.

REIS, LÍlian Perdigão Caixêta. **Construção cultural da maternidade:** a experiência de mães do Subúrbio Ferroviário de Salvador-Ba. UFBA. Salvador, 2010. Tese de Doutorado. Disponível em https://pospsi.ufba.br/sites/pospsi.ufba.br/files/lilian_reis_tese.pdf. Acesso em 10 de julho de 2017.

REIS, Lívia. **Mulher e Literatura.** *In* ARAÚJO, Neuza Maria Ribeiro de. **Um estudo sobre mulher e subalternidade através do testemunho de Domitila.** 2011. Disponível em [file:///C:/Users/Usuario/Desktop/ano4n3/textos/neuzamaria ribeiro de araujo.htm](file:///C:/Users/Usuario/Desktop/ano4n3/textos/neuzamaria%20ribeiro%20de%20araujo.htm). Acesso em 15 de Janeiro de 2015.

SALGUEIRO, Maria Aparecida Andrade. **Escritoras negras contemporâneas:** estudos de narrativas – Estados Unidos e Brasil. Rio de Janeiro, Caetés, 2004.

SANTIAGO, Ana Rita. **Vozes literárias de escritoras negras**. Cruz das Almas, UFRB. 2012.

_____, Ana Rita. **A literatura de escritoras negras: uma voz (des) silenciadora e emancipatória**. Interdisciplinar. Ano 5, v. 10, jan-jun de 2010. Acessado em http://200.17.141.110/periodicos/interdisciplinar/revistas/ARQ_INTER_11/INTER_11_15.pdf. Acesso em 19 de março de 2014.

SANTOS, Elisângela da Silva. **Carolina Maria de Jesus: artista, mulher e mãe no Quarto de despejo**. Baleia na Rede. Revista online do Grupo de Pesquisa e Estudos em Cinema e Literatura. 2011. Disponível em <https://docplayer.com.br/18556049-Baleia-na-rede-issn-1808-8473.html>. Acesso em 14 de agosto de 2018.

SILVA, Ana Rita Santiago da. **A literatura de escritoras negras: uma voz (des) silenciadora e emancipatória**. Interdisciplinar, Ano 5, v. 10, UFRB/UFBA. jan-jun de 2010.

SILVA, Anelita Maluf Caetano. **Um estudo analítico da condição social do negro no Brasil**. 2005. Disponível em: [http://www.congressohistoriajatai.org/anais2008/doc%20\(6\).pdf](http://www.congressohistoriajatai.org/anais2008/doc%20(6).pdf). Acesso em 23 de setembro de 2017.

SOBRAL, Cristiane. **Não vou mais lavar os pratos**. Brasília, Athalaia, 2010.

TOLEDO, Christiane Vieira Soares. **O estudo da escrita de si nos diários de Carolina Maria de Jesus: a célebre desconhecida da literatura brasileira**. Biblioteca Central Irmão José Otão/Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. PORTO ALEGRE. 2011.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert e POLESSO, Natalia Borges. **Da margem: a mulher escritora e a história da literatura**. MÉTIS: história & cultura – v. 9, n. 18, p. 99-112, jul./dez. 2010. Disponível em: http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article_viewFile/998/1054. Acesso em 19 de setembro de 2014.